

LUIZ FERNANDO CÂMARA VITRAL

O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro
o caso do suplemento *SeuBairro* de O Estado de S. Paulo

FACULDADE CASPER LÍBERO

SÃO PAULO

SETEMBRO 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LUIZ FERNANDO CÂMARA VITRAL

O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro
o caso do suplemento *SeuBairro* de O Estado de S. Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada
à Faculdade Cásper Líbero para
obtenção do título de Mestre em
Comunicação na Contemporaneidade

Linha de pesquisa
Produtos Midiáticos:

Jornalismo e Entretenimento

Orientador
Professor Doutor José Eugenio de Oliveira Menezes

FACULDADE CASPER LÍBERO

SÃO PAULO

SETEMBRO 2008

Folha de Aprovação

Luiz Fernando Câmara Vitral. **O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro** – *O caso do suplemento SeuBairro de O Estado de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade Cásper Líbero para obtenção do título de Mestre em Comunicação na Contemporaneidade. Linha de Pesquisa: Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento.

Orientador

Professor Doutor José Eugênio Oliveira Menezes

Data da aprovação: ___/___/2008

Banca examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Prof. Dr.

Instituição:

Prof. Dr.

Instituição:

Dedicatória

à Martha

Agradecimentos

À equipe de repórteres do suplemento *SeuBairro*,
Rose Saconi e Maria Emerenciana Raia,
do arquivo de *O Estado de S. Paulo*

Resumo

Este trabalho apresenta o fazer jornalístico no suplemento *SeuBairro*, do jornal O Estado de S. Paulo. Essa foi a primeira vez que um veículo de comunicação de massa publicou jornal de bairro na cidade de São Paulo. A dissertação de mestrado foca o período entre o lançamento de cinco suplementos semanais, em março de 1994, até janeiro de 2001, quando são suspensas as visitas aos bairros da cidade.

Além da prestação de serviço em benefício de melhorias urbanas solicitadas por moradores, os repórteres do suplemento acabaram por encontrar e registrar fatos e moradores dos bairros paulistanos, temas não costumavam freqüentar a mídia.

palavras-chave:

Jornalismo-cidade de São Paulo-jornal de bairro-jornal O Estado de S. Paulo

Abstract

This study aims to show the journalistic work in the *SeuBairro* supplement of the newspaper O Estado de S. Paulo. It was the first time that a mass communication media published a district paper in São Paulo city. It approaches the period between the beginning of the five weekly supplements released in March 1994; and the ceasing of the district visitings in January 2001.

Besides helping the residents to get urban benefits that they need, the reporters of the supplement could find and register unknown facts and interesting stories of people that nobody realized were living in the various São Paulo districts. These subjects were not common issues in the Brazilian media.

Key words:

Journalism – São Paulo city – district newspaper supplement – O Estado de S. Paulo newspaper

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução _____ | 1 |
| Capítulo 1. O Projeto _____ | 4 |
| 1.1. Os suplementos _____ | 6 |
| 1.2. O trabalho _____ | 12 |
| 1.3. A pauta _____ | 14 |
| Capítulo 2. Gente da cidade _____ | 15 |
| 2.1 Os imigrantes _____ | 17 |
| 2.2 Resgate da história dos bairros _____ | 21 |
| 2.3 Vida de bairro _____ | 25 |
| 2.4. Os personagens _____ | 33 |
| 2.5. A Solidariedade _____ | 42 |
| Capítulo 3. A cidade faz pensar _____ | 51 |
| Conclusão _____ | 63 |
| Bibliografia _____ | 70 |
| Anexo 1 – Relação das reportagens citadas | |
| Anexo 2 – Quatro reportagens selecionadas | |
| Anexo 3 – Edição do <i>SeuBairro</i> | |

Introdução

O desenvolvimento dessa dissertação de Mestrado visa a apresentar um momento em que a chamada grande imprensa paulistana, no caso o jornal O Estado de S. Paulo, passou a publicar um jornal de bairro - o suplemento *SeuBairro*. Essa dissertação vai focar o período que compreende o lançamento dos suplementos, em março de 1994, até janeiro de 2001, quando a proposta do projeto se inviabiliza, a partir da suspensão das visitas dos repórteres aos bairros da cidade. Vale destacar que essa dissertação se baseia nas notícias e reportagens publicadas nos suplementos *SeuBairro*.

Esse trabalho traz em 4 capítulos a origem dos suplementos e como ganharam forma; o conteúdo jornalístico dos suplementos, com aspectos que envolvem a busca para uma identidade histórica e, ainda, fatos que caracterizam alguns bairros da cidade. Nesse cenário atuam os personagens das reportagens: os moradores. E, para encerrar essa abordagem, o gesto de solidariedade que traduz o espírito humanitário dos moradores.

Há também um diálogo com autores referentes à área da comunicação, que antecede a conclusão do trabalho.

O Capítulo 1 – O Projeto *SeuBairro* – trata do fazer jornalístico e mostra que, apesar da dicotomia entre as linguagens da comunicação de massa e a dos jornais de bairro, ocorreu um período de convivência entre ambas. Esse momento coincide com a chegada da idéia de globalização e ao acesso à informação digital.

O que foi possível perceber é o fato de a intenção de uma empresa jornalística em fazer jornal de bairro não é a mesma da comunidade que busca um meio para falar de suas reivindicações e procurar adeptos para suas causas. Um jornal comunitário traz um traço romântico, do debate de idéias, do universo dos

movimentos sociais. Mas, esse não é o objetivo de uma empresa jornalística capitalista.

A partir do momento em que o suplemento passou a circular, a tradição e o espírito conservador do centenário jornal *O Estado de S. Paulo* se viu diante de uma situação inédita em sua história, uma vez que abriu espaço em suas páginas para dar voz e intermediar reivindicações de segmentos da população paulistana.

O capítulo compreende três abordagens, nas quais estão apresentadas as características dos suplementos que começavam a ser fechados e a circular, a maneira como foi desenvolvido o trabalho de visitar os bairros e ouvir moradores e, também, como eram desenvolvidas as pautas.

No Capítulo 2 – Gente da Cidade – a dissertação inicia a aproximação à cidade por meio de seus moradores. O primeiro item se refere aos imigrantes; numa seqüência cronológica há uma abordagem de fundo histórico, seguida de um olhar sobre fatos e situações que caracterizam um perfil bastante particular de bairros da cidade.

Outros dois itens completam o capítulo: uma galeria de personagens e a amostra da capacidade reveladora de moradores, voluntários e entidades públicas e privadas de se voltarem para o atendimento das variadas carências a que estão sujeitas as pessoas.

Relações entre o recorte proposto do suplemento *SeuBairro* e textos referentes estão no capítulo 3: A cidade faz pensar. Esse trabalho se encerra com a Conclusão, onde reúne outros textos de autores da área.

Uma das revelações que foi apurada nesse trabalho foi a de que a jovem equipe de jornalistas do suplemento não se dava conta, mas acabou por produzir um jornalismo original em tempos de quebras de paradigmas,

promovendo, principalmente, a emancipação de indivíduos, ouvindo e recolhendo suas observações para uma tentativa de melhorar a vida das comunidades.

A Conclusão desse trabalho vai apresentar também uma característica inovadora, se comparada à produção de informação de massa contemporânea. No *SeuBairro*, aboliram-se algumas regras da prática jornalística, para que fosse valorizada a narrativa que resulta do contato com as pessoas entrevistadas ao longo deste breve e profícuo trabalho jornalístico.

Por isso, no contrapelo das regras da comunicação de massa, os suplementos identificaram indivíduos que, na mídia contemporânea estariam anônimos, no conceito de massa. O projeto *SeuBairro* extrapolou as regras básicas da prática jornalística da época, organizadas a partir da lógica do lead, e experimentou formas de jornalismo onde moradores da cidade tiveram a oportunidade de expressão. A prática da criação do Suplemento mostrou que o exercício do jornalismo tradicional, marcado pela análise e destrinchamento das fontes pode ser modificada por uma práxis compreensiva da acolhida da vida e das vozes dos moradores da cidade.

1. O Projeto *SeuBairro*

A proposta de contar a história do suplemento *SeuBairro* traz uma seqüência de dúvidas, a partir de um simples questionamento. Em qual momento a cronologia deve começar? Quando a idéia foi apresentada à Redação do jornal *O Estado de S. Paulo*, ou com a contratação da equipe de jornalistas, quase dois anos depois.

A história do suplemento começa quando circulou a edição número 1, ou quando essa primeira edição foi fechada editorialmente? Isso, sem mencionar que na semana de lançamento foram publicadas 5 edições número 1. Sem dúvida, se está diante de uma história inédita na imprensa paulistana.

Há também a possibilidade de essa história ser escrita em um outro momento. Por isso, o texto que segue, além do valor informativo traz subsídios que poderão ser úteis na elaboração de uma nova pesquisa, com um outro enfoque.

Em 1992, o jornalista Roberto Gazzi desenvolveu o projeto do suplemento e, durante dois anos, manteve na editoria de Cidades, da qual era editor, um espaço semanal para iniciar um traçado editorial dos diversos bairros paulistanos.

Gazzi lembra como a idéia do suplemento chegou ao jornal. “Quem sugeriu o projeto foi o Aluizio Maranhão”, disse¹. Este profissional havia sido convidado para dirigir o Estadão e, uma de suas propostas quando assumiu sua

¹ O fato foi narrado pelo jornalista Roberto Gazzi, em sua sala, na Redação de O Estado de S. Paulo, em 14 de abril de 2007.

função foi a de que se publicasse jornais de bairros, nos moldes da iniciativa adotada pelo *O Globo*, no Rio de Janeiro, em 1982 com o pioneiro *Globo Tijuca*.

Ainda em fase de projeto, a idéia do suplemento se transformou em obra e risco da redação, o que se tornou um desafio estimulante para a direção do jornal e, em particular, para os jornalistas da editoria de Cidades que dariam andamento à idéia.

O suplemento *SeuBairro*, contudo, ofereceria uma leitura diferente da tradicional história dos jornais de bairro em São Paulo, uma vez que não se tratava de u'a mídia da comunidade para a comunidade. O suplemento falava, sim, da comunidade, mas estava voltado para um grupo mais amplo: a comunidade de assinantes e leitores do Estadão.

A história do suplemento *SeuBairro*, do jornal O Estado de S. Paulo, porém, pode ser melhor entendida se se considerar o passado de um jornal cuja trajetória começou no século 19, no dia 4 de janeiro de 1875, quando circulou o primeiro número do então "A Província de S. Paulo". Com espírito republicano, o grupo de fundadores impõe sua linha editorial e inicia a caminhada do jornal que cresceu com a cidade e se firmou como veículo de destaque do pensamento político da burguesia do País².

1.1 Os suplementos

Depois de dois anos de visitas às mais diferentes regiões da cidade, as notícias sobre os bairros ganham páginas independentes, na série de suplementos prevista para ser lançada em abril de 1994. Essa dissertação vai focar

² Um perfil do jornal O Estado de S. Paulo pode ser consultado no site <http://www.estadao.com.br/rc/2007/pag04.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2008.

o período que compreende o lançamento dos suplementos até o momento em que não foi mais possível o contato direto dos repórteres com moradores da cidade, quando se descaracteriza a proposta inicial dessa experiência jornalística.

O sólido passado do jornal pode simbolizar um peso de responsabilidade para seus jornalistas, incluídos aí os integrantes da jovem equipe que se formou naquele ano com o objetivo de encaixar um projeto com espírito popular numa história que simbolizava vitórias para a classe média. O editor, dois subeditores, cinco “focas”, recém-saídos do Curso Estadão, uma diagramadora e um repórter fotográfico começaram a se integrar para preencher as oito páginas, no tamanho tablóide, quatro cores (capa, contracapa e centrais), previstas no projeto, dos cinco primeiros suplementos que começaram a circular semanalmente.

A equipe dos suplementos amplia o projeto iniciado por Gazzi nas páginas da então editoria Cidades e se prepara para o lançamento do *SeuBairro*, que vai ser encartado no jornal para assinantes residentes nas regiões da cidade identificadas no logotipo do suplemento e nos exemplares vendidos em bancas da área que abrangia a cobertura das reportagens.

O mapa que determinava as regiões da cidade a serem cobertas pelo suplemento seguia a rota da distribuição dos jornais e não, necessariamente, a rosa dos ventos. A essa peculiaridade, Gazzi considerou outras situações que fazem de São Paulo uma cidade diferente, não apenas geograficamente, mas também da maneira pela qual a sociedade acabou ocupando os espaços urbanos, se comparada à população da cidade do Rio de Janeiro, onde começou a circular os suplementos de bairro de O Globo. Além disso, pondera Gazzi, a densidade demográfica dos habitantes de São Paulo vai mostrar áreas mais povoadas que outras, com moradores de perfis sociais às vezes até opostos, como no caso da zona sul paulistana que compreende desde a região dos Jardins até os confins do Jardim Ângela.

Essa população da zona sul, com perfis tão contrastantes, não caberia em oito páginas de um suplemento. Por isso, foram criadas duas edições para a região, com circulação diferenciada. No conjunto, no entanto, o que resultou foi, primeiramente, a edição de cinco suplementos, dos quais dois para a região Sul. Essas cinco edições se distribuíam entre a segunda e a sexta-feiras e, em cada região, circulava um suplemento por semana. A região do Centro esteve presente na fase inicial de todos os suplementos, com cobertura diferenciada em cada número, sem, contudo, se ater ao foco de ouvir moradores e relacionar reivindicações.

Criar um jornal de bairro com a mega-estrutura industrial de um dos principais jornais do País pode ser considerado um passo extraordinário. Não era só a equipe de reportagem que chegava ao bairro no dia da visita. Era a imagem de um jornal centenário que estava indo para as ruas, muitas vezes bastante distantes dos centros de decisão da metrópole a que a cidade de São Paulo se havia transformado. E o suplemento tinha uma larga vantagem sobre os possíveis concorrentes: a vasta estrutura de captação de informações mantida pelo jornal ao longo de sua história, que ganhariam mais espaço para serem divulgadas, ou servir de pauta.

Nessa fase do advento do suplemento, foi o tempo para que começassem a ser definidos desde a dinâmica dos processos de coleta de informações na visita aos bairros até o contato com os setores responsáveis e a publicação das soluções propostas a reivindicações apresentadas por moradores, trazidas pelo repórter. Além dessa estratégia de campo, havia também a necessidade de se pensar na formação de uma equipe de jornalistas para tocar em frente o projeto e em toda a logística de engenharia industrial para encaixar mais um produto na linha de montagem do jornal.

Se passaram dois anos e, em 1994, na segunda quinzena do mês de março, o que era apenas um projeto editorial começa a ganhar características de

um novo produto, com a grife “Estadão”. Na quinta-feira, dia 16, por volta das 18 horas, o editor Pedro Correa comemora com sua mulher, Silvana, diretora de arte, e com redatores e repórteres que ainda estavam na redação, o fechamento do primeiro *SeuBairro* número 1. Esse jornal iria circular na Zona Norte, na segunda-feira, dia 21, encartado no jornal dos assinantes da região e, também, para as edições de banca da área.

Naquela semana de março de 1994, enquanto os suplementos para as outras regiões da cidade, como ocorreu com o da Zona Norte, eram encartados nos jornais de assinantes e chegavam às bancas da região, as edições número 2 estavam em andamento.

De segunda a sexta-feira fechava-se um suplemento para ser encartado na edição do jornal de dois dias depois. Isso quer dizer que, na segunda-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Norte, fechado na quinta-feira anterior; na terça-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Oeste, que era fechado na sexta-feira anterior; na quarta-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Sul, que informalmente era chamado de Sul 1, correspondente à área da região da cidade, que segue o eixo da Avenida Santo Amaro, no sentido Centro-bairro. Esse suplemento era fechado às segundas-feiras. Já na quinta-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Leste, que era fechado na terça-feira anterior. A semana no *SeuBairro* terminava na sexta-feira, quando circulava o suplemento *SeuBairro* Sul, que para a equipe era o Sul 2, voltado para a região centrada nos bairros dos Jardins, Itaim-Bibi, Ibirapuera, Vila Nova Conceição e proximidades.

Para cada edição, geralmente de 8 páginas, havia uma reportagem principal, que iria ocupar as páginas centrais, coloridas, do suplemento, com destaque na capa. A contra-capas, colorida, em todos os suplementos era reservada para notícias do Centro. A página 2, dedicada ao leitor, passou a oferecer espaço para Cartas, além de informar sobre serviços, que incluíam

locais de feiras-livres, atendimento de saúde, as lojas da Telesp, Comgás e Eletropaulo, além dos Distritos Policiais, postos do Corpo de Bombeiros, entre outros focos de interesse de moradores de áreas urbanas nas quais o suplemento circulava. Um destaque da página era a seção *Memória*, ilustrada com fotografias de arquivo de cenas que faziam parte da tradição do bairro. Temporariamente, a seção *Fotografe Seu Bairro*, publicava fotografias tiradas por moradores das regiões visitadas, com imagens curiosas ou de casos que chamavam a atenção para situações de abandono de locais públicos.

Já, a página 3, na fase de lançamento, era exclusivamente voltada para informar sobre a visita realizada, com destaque para o principal problema dos moradores e, ainda, sobre a resposta que órgãos públicos ofereciam às reivindicações e sugestões de melhorias para a região. E, nas páginas 6 e 7, além do espaço reservado pelo setor comercial para a inserção de pequenos anúncios, publicava-se um guia com informações curtas de lazer, cultura e atividades gratuitas, além de uma seção fixa – o *Point* – com destaque para gastronomia, que poderia ser refinada, esmerada ou o caprichado cardápio de botequim.

Nessa primeira semana os suplementos apresentaram como assuntos de capa novos bares e espaços para uma esticada noturna com amigos, na Zona Norte; os Centros de Treinamento do São Paulo e do Palmeiras, na Avenida Marquês de São Vicente, na Zona Oeste; comerciantes, equipes técnicas e vizinhos do autódromo, em Interlagos, que se preparavam para o corrida de Fórmula 1, foram o assunto do Zona Sul; o Parque Raul Seixas, na Zona Leste, foi o destaque da edição, que trazia um sócia do artista na capa.

E, contrastando com esses temas, a edição da Zona Sul de sexta-feira, inaugurou o ciclo com uma visão do que era morar na Rua Tucumã, numa área bastante valorizada, na região da nova Avenida Faria Lima, aberta sobre o traçado da antiga Rua Iguatemi.

Da região central da cidade, o leitor da Zona Norte, naquela semana foi informado sobre a reforma no Mercado Municipal, da Cantareira. O comércio peculiar e os imóveis centenários ao redor da Rua Florêncio de Abreu foram o destaque para o Centro na edição da Zona Oeste; o suplemento informou para os leitores da Zona Sul na quarta-feira sobre projetos para o Vale do Anhangabaú desenvolvidos por estudantes da Universidade de Stuttgart. A contracapa da primeira edição da Zona Leste focou cantores de rua e apresentou uma artista alagoana que atraía curiosos no calçadão da Avenida São João, próximo ao prédio dos Correios. E, no jornal da Zona Sul, que circulava na sexta-feira, a primeira edição apresentou o ambiente da Academia Paulista de Letras.

Nessa primeira semana, o leitor do suplemento passou a ser informado sobre assuntos que, possivelmente, já tivesse conhecimento, mas depois de publicados na imprensa teriam um efeito de documento.

1.2 O Trabalho

O passo inicial para se fazer o *SeuBairro* era trazer uma parte da cidade para o leitor. Se pode afirmar que, na verdade, essa tarefa oferecia dois ângulos. Havia a visita ao bairro, para ouvir moradores e recolher pedidos de melhorias e, não necessariamente nessa ocasião, fazer reportagens. Por isso, o mapa teria uma função decisiva para definir o local da visita. Aí com base num guia da cidade. A reportagem, no entanto, prescindia desse acessório. A sugestão poderia vir da redação, ou ser resultado da observação do repórter. E, para esse contato com os moradores, espalhados nos quatro cantos da metrópole, a equipe de repórteres iria a campo com um trunfo, além da pauta.

“A primeira lição que fazemos questão de transmitir para os ‘focas’ é que eles saibam contar histórias”, diz o jornalista Francisco Ornellas, coordenador do Curso Estado, para recém-formados nos cursos de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Segundo Ornellas, a procura pelo Curso Estado é tamanha que requerer uma seleção apurada para escolher poucas dezenas entre os cerca de 3 mil candidatos que se inscrevem. A maioria dos “focas” chega à Redação do jornal, depois do curso, familiarizada com a prática do jornalismo e preparada para ouvir e contar histórias.

Parte da turma que havia concluído o Curso Estado foi designada para preencher as vagas da reportagem que atuaria nos suplementos de bairro. E, essa primeira equipe queria pôr em prática tudo o que aprendeu, começando, justamente pela primeira lição.

Na primeira visita ao bairro escolhido e anunciado previamente, o repórter chegava numa Kombi, acompanhado por um funcionário da equipe de segurança da empresa. Essa equipe de visita se instalava num “escritório” ao ar livre, sob uma cobertura móvel, com o logotipo do jornal estampado.

Algumas vezes já havia um grupo de moradores à espera; quando não, a equipe não iria esperar muito tempo, uma vez que a presença daquele aparato chamava a atenção e, não demorava, os moradores se aproximavam a princípio curiosos e, em seguida, confiantes para falar dos assuntos cidadãos.

Nessa oportunidade, pautas poderiam surgir espontaneamente. Uma curiosidade do lugar, um morador antigo, uma área pública carente de benefícios passava a ser avaliada pelo repórter que percorria as redondezas no final da visita para confirmar as reclamações, conhecer o morador ilustre e, ainda, elaborar a pauta para que fosse fotografado o principal problema apresentado. Esse seria o “abre” da página no suplemento da semana seguinte, relatando a visita e relacionando os pedidos que seriam encaminhados para os órgãos competentes durante a semana.

1.3 A Pauta

A regra básica era: não trombar com a editoria de Cidades. Ou seja, assunto de Cidades tem uma abrangência maior que o dos bairros, apesar de a cidade ser formada pelos bairros. Mas, essa não era a questão, nem o desafio imediato. A equipe estava a postos e o que deveria ser assunto no suplemento, então, seriam os moradores. Gente, na maioria, que seria notícia, em alguns casos, quando ocorresse uma tragédia urbana.

Dessa maneira, a pauta que nos pautava era, justamente, encontrar as pessoas invisíveis para a mídia, mas que tinham endereço, andavam nas ruas todos os dias, faziam parte das estatísticas. Em fim, constituíam a população de São Paulo.

Mas, antes de iniciar um relato sobre a cobertura que o *SeuBairro* realizou na cidade de São Paulo no período de interesse dessa dissertação, vou recorrer à imagem que a jornalista e professora de Jornalismo Cremilda Medina trouxe para o título de uma de suas obras – *A Arte de Tecer o Presente* –, que serviu de referência para esse trabalho acadêmico.

Como Cremilda Medina, vou imaginar um tecido formado por grupos sociais, comunidades e indivíduos e começar a apresentá-los em uma teia que começa de uma maneira aberta e, durante a narrativa vai se fechando até chegar a pessoas distintas, mas diferentes e únicas.

2. Gente da cidade

Os repórteres do suplemento *SeuBairro* trouxeram histórias de diversos segmentos da sociedade. Frequentaram ambientes luxuosos e favelas. Encontram pessoas solitárias e a família imigrada que celebrava unida o centenário do desembarque. Foram páginas de uma história da cidade que não havia sido contada.

Falaram com as pessoas na Praça da Sé, ouviram versos de um engraxate poeta. Foram a templos com missa em japonês e respeitosamente acompanhar cultos budistas entre brasileiros. Entrevistaram artistas de palco e da TV. Trouxeram notícias do balseiro da Represa Billings, viram a paisagem urbana se modificar da janela do trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, sacudiram no ônibus Penha-Lapa.

Tomaram chuva e sentiram frio. Conheceram agricultores que viviam de temperos, em plena Marginal do Tietê e, não menos espantoso, o pecuarista da Marginal do Pinheiros. Apresentaram um hortelão poeta e procuraram uma Maria Rosa da marcha de Adoniran Barbosa. Encontraram os amigos. Na Vila Matilde, havia um Nenê entrado em anos.

Teve ensaio nas escolas de samba da Zona Norte, blues na Pompéia e sanfona, no Centro; tarantella e sushi, pasme, na Mooca. Comida árabe nos Jardins e da Sérvia na Vila Mariana, craque de futebol da ativa, em Artur Alvim, e do passado, no Brooklin. Cineasta, no Cambuci e cinemaníacos, na Vila Carrão e em Itapeirica da Serra. Motorista e borracheira; fotógrafo dos que hoje são advogados e de crianças, puxando um bode e o cenário. Dupla mineira e pagodeiros detentos, na Zona Norte. Pintor, artista plástico e escultor,

na Zona Sul. Advogado especialista em história de cemitério, padre despontando para o sucesso, tintureiro andarilho e palhaço.

Para unir toda essa diversidade, amizade e, principalmente, solidariedade, para crianças, jovens e adultos carentes. Não faltaram tradição e novidade. História e histórias, de cangaceiro e de vida. Nada de morte.

Essa colagem de situações reflete um aspecto humano da cidade de São Paulo e é um apanhado ligeiro do que foi reunido ao longo de quase 8 anos de contato diário com moradores de todos os cantos. Suas vozes se transformaram em textos e estas notícias, que serviram de material para essa dissertação acadêmica.

2.1 Os Imigrantes

A presença dos imigrantes na cidade de São Paulo segue a linha do tempo. Antes deles, eram os índios e, não muito longe do Bom Retiro, que reivindica a condição de concentrar o primeiro núcleo de moradores da cidade, num período que antecede a fundação do Pátio do Colégio, *SeuBairro* seguindo esse suposto movimento de ocupação, encontrou, na região próxima à antiga Estação Ponte Pequena, um grupo de armênios.

Eles contaram sobre a experiência de se verem em meio ao conflito étnico com os turcos. Essas testemunhas vivas da História estavam alojadas em um lar para idosos, mantido pela comunidade e cercado por religiosos, na Avenida Prestes Maia.

Os repórteres do suplemento encontraram também na Zona Norte, ilhéus portugueses que se confraternizam na Vila Amália. Já o tradicional comércio do bairro do Bom Retiro passou a viver uma mescla de etnias na virada do século, com a chegada de orientais e bolivianos, além de brasileiros de regiões variadas, que passaram a conviver com árabes e judeus.

Mas, a diversidade está presente, principalmente na Zona Leste. As tradições italianas são revividas anualmente nas festas napolitanas que animam a Rua Caetano Pinto, no Brás, com imigrantes e descendentes, devotos da Madonna de Casaluce. Ainda do Sul da Itália, desde 1882, imigrantes de Polignano a Mare, na Puglia, fazem parte da vida paulistana. Eles agitam o Brás para celebração da festa de São Vito Mártir. Na Mooca, napolitanos e seus filhos promovem a festa de San Gennaro. No resto do ano, jogam bocha, para manter a tradição de família, trazida da Itália.

Do Leste Europeu, os russos escolheram a Vila Alpina, onde ergueram o primeiro templo da Igreja ortodoxa no Brasil, em 1935. Já os lituanos preferiram a Vila Zelina para cultivar as tradições gastronômicas, religiosas e cívicas, como a independência conquistada em 1918.

Quem quiser aprender grego pode visitar o Pari. Há quase 50 anos no bairro, o Instituto Educacional Atheniense oferece também aulas de dança típica, de filosofia e história da Grécia, além de concentrar membros da comunidade grega na cidade.

Eles vivem na Zona Norte, em sua maioria, mas marcam encontro no Canindé. O estádio da Portuguesa de Desportos costuma servir de sede para comemorações, como a festa no Dia de Nossa Senhora de Fátima, ou mesmo o aniversário do clube de futebol, fundado em 1920, como o vizinho Corinthians. Mas, até em São Miguel Paulista há portugueses e descendentes, especialmente os da vila de Brunhosinho, localidade que faz parte do distrito de Braga, em Trás-os Montes. Esses imigrantes fazem festa para matar as saudades, com dança e comida típica.

De Itaquera saem pêssegos e plantas ornamentais, cultivadas há quase um século por imigrantes japoneses e famílias de descendentes, que mantêm vivas as cerejeiras que florescem em clima de comemoração todos os anos. Na Vila Carrão, a comunidade reunida em torno da Associação Okinawa, dá lições de cultura, com cursos de ikebana, de desenho e do ritual da cerimônia do chá. No domingo, os católicos rezam em japonês na missa da Igreja de São Gonçalo, na Praça João Mendes, no Centro.

Outra representativa comunidade de imigrantes em São Paulo se concentra na Zona Sul.

O primeiro registro da presença de alemães está na região de Colônia, em Paralleiros, local escolhido pelos pioneiros. que chegaram em 1829. Cinquenta anos depois, o Colégio Visconde de Porto Seguro abre suas portas para filhos de imigrantes. Depois da Praça Roosevelt, no Centro, a escola se mudou para o Morumbi onde passou a receber alunos de várias etnias e classes sociais.

Para conhecer a cultura desses imigrantes, o Instituto Hans Staden, em Santo Amaro, mantém um acervo com livros e filmes. Também há professores que ensinam alemão aos interessados. A tradição musical está representada, no Campo Belo, pela Sociedade Filarmônica Lyra, que mantém um coral afinado, além de grupos de dança e teatro. Mas, bastante original são as regras do Clube Transatlântico, freqüentado por descendentes. Não abre em fins de semana e os sócios freqüentam as instalações de paletó e gravata. Afinal, esse é um local para reuniões de negócio.

Para a Zona Sul também se dirigem os representantes da comunidade judaica, que se encontra no clube A Hebraica para o ritual do Shabat. Ou, então, para freqüentar o Instituto Hebraico, no Paraíso, onde há aulas de dança e de hebraico.

No Campo Belo, desde os anos 30, a Associação Austro-Brasileira reúne a comunidade de imigrantes e suas famílias. Já os libaneses – cuja presença no Brasil é superior à do próprio país – espalhados pela cidade, se encontram no Clube Monte Líbano, na região do Ibirapuera. Enquanto os sírios, que estão prestes a comemorar 100 anos no Brasil, orgulhosamente lembram do principal objetivo da Associação Síria: manter o Hospital do Coração, no Paraíso.

As tradições da Calábria, contudo, não ficam na Mooca, como se supõe. O Circolo Sociale Calabrese de San Paolo, no Ipiranga, promove

atividades culturais e religiosas características da região do Sul da Itália. No bairro vizinho, a Vila Monumento, está a sede da Sociedade Hispano-Brasileira, cujo objetivo é manter unidos os imigrantes espanhóis e suas tradições.

A presença dos imigrantes japoneses também se estende para a Zona Oeste. No Alto da Lapa, esportistas veteranos praticam gatebol, no Centro Educacional e Esportivo da Lapa, o Pelezão. Na área urbana da Rodovia Raposo Tavares, o clube da Cooperativa Agrícola de Cotia, que era uma referência na região do Largo da Batata, em Pinheiros, abre suas portas para sócios ocidentais praticarem beisebol, softbol e gatebol; também são oferecidas aulas de ikebana e de tai-chi-chuan.

A diversidade de costumes e culturas, diante da presença de imigrantes estrangeiros e brasileiros, faz de São Paulo uma metrópole única no mundo. Esse recorte tentou localizá-los na cidade e, rapidamente, reforçar a idéia de que é enriquecedor conhecer o que nos é diferente.

2.2 Resgate da história dos bairros

Os imigrantes que chegaram à cidade de São Paulo no século 19 não trouxeram a Revolução Industrial. Era gente do campo, em sua maioria, que se estabeleceu mantendo seus costumes. No período coberto por essa dissertação de mestrado foram recolhidos, em entrevistas e reportagens publicadas no suplemento *SeuBairro*, aspectos históricos que envolvem os bairros da cidade e as notícias não fazem referência a iniciativas de empreendedorismo industrial. Falam de iniciativas particulares e localizadas de organizar a memória, como é caso do Bexiga, Bom Retiro, Santana, Jaçanã, Mooca, Parelheiros, Socorro, Vila Esperança, Vila Santa Terezinha e Tatuapé, que têm um passado recente documentado, ou em vias de serem oficializados.

Por meio de um levantamento em arquivos oficiais, no Brasil e em Portugal, um grupo de comerciantes do Bom Retiro reivindica para o bairro o pioneirismo urbano da metrópole. Como argumento, afirmam que por ocasião da fundação do Pátio do Colégio, já existia um aldeamento na várzea do Tamandateí, onde séculos depois o bairro cresceu.

Com foco na história mais recente, o suplemento foi procurar as Senhoras de Santana que, nos anos do regime militar, se uniram em torno de uma campanha moralista. O que foi apurado entre as representantes do grupo entrevistadas foi que elas não se afastaram daquele espírito conservador.

A projeção que o *Trem das Onze*, de Adoniran Barbosa, trouxe ao bairro do Jaçanã estimulou o morador Sylvio Bittencourt, a fundar em 1983, com a colaboração de 40 outros entusiastas, a Associação Museu Memória do Jaçanã. Essa equipe procurou reunir material que justificasse a empreitada. Era preciso um local para a exposição do acervo que, no início, ficou na garagem da casa de Bittencourt. Em 1993, o acervo foi transferido para um imóvel, cedido

pelo governo do Estado, que originariamente era um galpão utilizado pelos ferroviários. Os símbolos do museu são, além de Adoniran e o trem, o pássaro que deu nome ao bairro.

A idéia de um museu, contudo, veio do bairro do Bexiga, freqüentado por Adoniran. O autor foi o líder comunitário Armando Puglise, o Armandinho do Bexiga. Com a idéia de Armandinho, acrescida de uma proposta mais ampla – de desenvolver a consciência de cidadania por meio do resgate do passado da comunidade – o projeto inicial do museu do Jaçanã ganhou apoio de um escritório de arquitetura, segundo notícia de 3 de janeiro de 1995.

“Obras de museu vão começar em 3 meses”, informou *SeuBairro* em 2 de junho de 1997. O imóvel que abrigava o museu a título precário foi doado pelo Estado. Mas, na edição do dia 16 daquele mês, o suplemento informou que obra na praça para realização de eventos na área da Memória do Jaçanã havia causado polêmica entre os moradores. Essa foi a última notícia sobre o museu do bairro.

No Bexiga, a instalação do seu museu estava problemática em 1995. Como forma de minorar as dificuldades, a viúva e a filha de Armandinho assumiram o imóvel com apoio de colaboradores e passaram a servir massas para divulgar o Museu e arrecadar recursos. Dois anos depois, o museu continuava como projeto, mas a idéia gastronômica se mantinha, segundo reportagem do suplemento, de 10 de abril de 1997. Um ano depois, a notícia foi a comemoração de 18 anos de criação do Museu.

Freqüentador das manchetes dos jornais brasileiros, o então ministro Rubens Ricúpero foi o personagem principal de uma edição, em 21 de julho de 1997. Ricupero, acompanhado de um irmão, percorreu as ruas do Brás, lembrando sua juventude.

Em maio de 1996, o Jaçanã voltou a ser notícia no suplemento. Desta vez, por meio do cineasta Audrá Junior, proprietário da empresa cinematográfica Maristela, que fez história no bairro.

De Parelheiros, a notícia falava da origem do bairro, que cresceu em torno de imigrantes alemães e japoneses, que lá encontraram aldeias indígenas. Em 1997, estimava-se em 155 mil moradores a população, com predominância de nordestinos. O cenário, contudo, lembrava a zona rural, com predominância de chácaras.

Na região, o bairro do Socorro mantinha a salvo documentos, além da memória de antigos moradores, sobre a sua origem, marcada pela chegada de uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 1808. Esse e outros fatos estão no livro “Capela do Socorro: a História que o Povo Conta”, do poeta Valdek de Oliveira.

A edição de 4 de abril de 1998 trouxe mais novidades, tanto para o Museu do Jaçanã, quanto para fãs da televisão. O Capitão 7, o ator Ayres Campos, e o Vigilante Rodoviário, Carlos Miranda, que pertenceram ao cast dos estúdios Maristela, participaram do evento que marcou a entrega do acervo da companhia cinematográfica para o Museu.

Preservar a história também se mostrou a preocupação de moradores da Vila Santa Teresinha. Comerciante e prático de farmácia se uniram para pesquisar as transformações que deram outro perfil ao bairro, a partir dos anos 50. Nessa época vendia-se com caderneta, a gravata era obrigatória e o bonde levava os moradores para o centro da cidade.

No Tatuapé, o passado estava guardado na Padaria Lisboa, que mantinha capítulos do cotidiano, desde 1913, quando foi fundada. Na Mooca, a história foi contada pelo fotógrafo Pedro Martinelli, que registrou a arquitetura

das fachadas das residências do início do século 20. A história do bairro também podia ser conhecida por meio de objetos e registros doados por famílias tradicionais, guardados pelo Núcleo Museológico.

2.3 Vida de bairro

Aparentemente, esse capítulo pode distoar, ou parecer estar fora de ordem. Na verdade, apenas antecede o seguinte, mas tem uma característica própria. Aqui não se fala de morador. São relatos de fatos que interferiram ou que fazem parte da vida do bairro. Os seguidores do padre Marcelo “invadiram” a Vila Mascote; no Carandiru, a “multidão” não visitava a Praça Orlando Silva. Esses são dois exemplos de registros de momentos em que o bairro foi notícia por motivos alheios ao desejo dos moradores. Foram notícia porque aconteceram ali, ou o local remetia a uma outra notícia. Há também registros também de ações da coletividade com relação ao local onde moram. Em Lauzane Paulista, a versão local da Corrida de São Silvestre, no Campo Belo a preocupação com a lei do zoneamento.

Por ocasião da morte do piloto Ayrton Senna, *SeuBairro* Norte publicou a manifestação de saudades de moradores que, de alguma maneira, tinham uma lembrança pessoal do ídolo do automobilismo, na reportagem de capa “As ruas e pessoas que viram Senna brincar”. Na Vila Guilherme, o destaque foi a praça florida onde se plantou também oliveiras; os rituais tradicionais do budismo, atraía praticantes a templo na Freguesia do Ó, como o *obon*, em homenagens aos parentes mortos, com oferendas, cânticos e sermões.

O suplemento registrou ainda a manifestação de um pequeno grupo de admiradores de Orlando Silva em prol da urbanização da praça que lembra, com um busto, o “cantor das multidões”. Organizada, comunidade não esperou a iniciativa do governo e decidiu transformar terreno abandonado da Eletropaulo em ponto de encontro, no Carandiru. E, no Jardim Teresa, a maior parte dos moradores não sabiam quem eram os homenageados no nome das ruas do bairro, escolhido para lembrar perseguidos políticos, desaparecidos, líderes

assassinados por causa de suas idéias e presos políticos. Até o bairro se tornou esquecido pelas autoridades.

Seguindo uma tradição local, no último domingo do ano, a comunidade promove em Lauzane Paulista, a sua Corrida de São Silvestre. *SeuBairro* noticiou os 25 anos da prova de atletismo, aberta a participantes de todas as idades. E, em busca do sabor da natureza, moradores da região encontram na Chácara dos Frades, no Tremembé, mel e derivados, produtos do apiário, além de frutas e verduras cultivadas sem agrotóxico.

Do Centro, foram publicadas reportagens que apresentaram focos de interesse da população, praticamente desconhecidos, como o restaurante no Bexiga que se transformou durante a semana em ponto de taxistas na hora do almoço e, um bar, no bairro, cujos donos palmeirenses, assavam a fogazza campeã.

Também foi incluída a loja de instrumentos, nas proximidades dos Correios, especializada em sanfonas usadas, que atraíam cerca de 40 compradores por mês e inúmeros fãs da música tradicional do Nordeste. E, de volta ao Bexiga, o suplemento noticiou o fechamento de uma loja de armarinhos, que vestiu gerações do bairro.

O bairro da Pompéia, na Zona Oeste, passou a ser reconhecido pelos jovens a partir dos anos 70 como a Liverpool paulistana, numa referência à cidade inglesa, berço dos Beatles. Ali se forjou o rock paulistano. Mas, nos anos 80, o bairro se transformou no reduto dos jovens músicos de blues da cidade, onde havia estúdios, oficinas de luthiers de guitarras e, principalmente, onde os músicos moravam.

E, a memória musical e intelectual paulistana também foi representada pela visita à casa dos Buarque de Holanda, no Pacaembu. A arte se

manteve em pauta com a divulgação da iniciativa de dois cineastas da região que criaram o Cine Mambembe, cujo objetivo era exibir documentários e divulgar curtas produções alternativas.

Abusos do zoneamento se transformaram no foco de interesse de associações de moradores que pretendiam preservar áreas no Alto da Lapa, Pacaembu e Higienópolis. Esse bairro também foi lembrado na reportagem de capa “O dia-a-dia e a história de ‘Iidichenópolis’ ”, numa referência à presença, na época, de 3 décadas da comunidade judaica. Lá estão pólos da cultura hebraica, como centro de cultura, o comércio de produtos kasher e, ainda, sinagogas e escolas, que traduzem a tradição mantida por grande parte de seus moradores.

Em oposição às propostas de resistência urbana, o suplemento registrou a curiosidade das pessoas que andavam na Avenida Paulista diante da demolição da casa que havia sido dos Matarazzo. O imóvel, já quase totalmente demolido, não suportou um temporal que resultou na queda do telhado. Havia os curiosos que queriam olhar, entre os tapumes, o que restou da moradia; uns especulavam sobre a causa da queda do telhado, outros sobre o futuro do imóvel.

Já em Pirituba, a construção de uma Casa da Cultura era uma antiga reivindicação dos moradores. A proposta havia de se tornado prioridade, conforme noticiou o suplemento. Só faltava definir a área em que seria erguida a sede da instituição.

Na comunidade de Carapicuíba, na direção Oeste, mas já além da divisa do município de São Paulo, a tradição religiosa é lembrada e reverenciada na Festa de Santa Cruz, manifestação trazida dos tempos de colonização pelos jesuítas. Nesse dia, há música e atos religiosos, como registrou o suplemento.

E, na Granja Viana, *SeuBairro* constatou a presença de um núcleo de moradores que haviam sido ídolos do iê-iê-iê. Eduardo Araújo, então casado com a cantora Silvinha, e as cantoras Martinha e Kátia Cilene tinham projetos próprios, mas em comum eram quase-vizinhos no bairro.

Tão distante quanto a Granja Viana do centro, mas no extremo sul da cidade a 40 quilômetros do Marco Zero, a Ilha do Bororé, uma península na Represa Billings, vivia uma transformação. Os moradores se organizam para conseguir desenvolvimento urbano, social e ecológico do local, cujo acesso se dá por balsa.

Preocupação semelhante, mas voltada para a questão do cumprimento da legislação urbana, levou moradores do Campo Belo a reivindicar a observação do zoneamento, que classificava a região como residencial.

Esse problema não ocorria na Vila Mariana, onde uma pizzaria se instalou numa antiga oficina de bondes, mantendo as características arquitetônicas do imóvel. E, em termos de culinária, os temperos do Oriente Médio marcavam presença na região do Jardim Paulista e de Moema, em três novos estabelecimentos.

No bairro do Ipiranga, clube que se tornou referência na história do futebol paulistano se mantinha fiel em incentivar a prática do esporte amador entre seus 40 mil associados. O Ypiranga passou a oferecer também, desde 1906, um espaço de lazer para as famílias do bairro. Mas, não como a Aclimação que, desde 1994, quando foi fundada a Escola de Futebol da Aclimação, se transformou em pólo de atração para esportistas mulheres aspirantes a futebolistas.

A Vila Mascote viu surgir um fenômeno da comunicação de massa. Eram as missas da Libertação, celebradas pelo padre Marcelo, que reuniam cerca de 10 mil fiéis por semana nas igrejas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e de Santa Rosália.

A diversidade também faz parte da Zona Leste, cortada pela mais extensa via urbana da cidade. A Avenida Sapopemba tem 45 quilômetros que unem a agitação da cidade, num extremo, e o clima rural, na outra ponta. O perfil contrastante de seus moradores foi notícia no suplemento. Com espírito semelhante foi registrado na viagem do trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos que corre na linha variante, um sinal de mudança. Da janela, o viajante notava as transformações que ocorriam na paisagem urbana, entre o Brás e o Itaim.

Não muito diferente, ainda, era tomar um ônibus da linha Penha-Lapa. Essa ligação entre bairros separados por 28 quilômetros de ruas é uma das mais antigas do transporte público paulistano. Nesse caso, a mudança mais notável era a do perfil dos passageiros, que iam ou voltavam do trabalho.

No período, o suplemento registrou dois momentos de exercício de cidadania. O primeiro, resultado da atividade do Núcleo de Artistas da Cohab de José Bonifácio, que trouxe para a Galeria Prestes Maia, no Centro, trabalhos criados por moradores, em pinturas e desenhos. O segundo, a divulgação dos, então, novos símbolos do bairro do Tatuapé – a bandeira e o hino - que foram oficialmente incorporados à vida real dos moradores na festa cívica realizada na Praça Silvio Romero, em 1998.

Nesse ano, as irmãs franciscanas reunidas na Vila Zelina e no Tatuapé celebravam 60 anos de presença no ensino dos moradores desses bairros e da região. Dois anos antes, *SeuBairro* encontrou um grupo de moradores que cultivavam uma horta, com canteiros de cebolinha, orégano,

coentro, entre outros temperos, plantados na Marginal do Tietê. A plantação ficava num terreno abandonado da Sabesp ao lado da Ponte Aricanduva, sobre o rio, e servia de sustento para aquela gente.

Um fato pouco noticiado e quase inusitado era a presença de imigrantes japoneses na Mooca. Além dos moradores descendentes de italianos e espanhóis, ali também vivia um reduzido e discreto grupo de imigrantes japoneses, que fundou a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira, onde concentra suas tradições e o lazer.

Em 1995, o suplemento promoveu um encontro entre o grupo musical Os Demônios da Garoa e o bairro onde o conjunto começou a carreira havia 43 anos. Os Demônios estavam na Mooca, que seria cenário da trama da novela *A Próxima Vítima* – de Silvio de Abreu, que foi ao ar pela Rede Globo naquele ano – e passaram pelo bar onde a carreira musical do grupo começou, com uma trilha sonora de Adoniran Barbosa (*V. anexo*).

Esse encontro resultou, no ano seguinte, na visita à Vila Esperança, que guarda a lembrança dos tempos do futebol e dos animados carnavais. O bairro viveu momentos de glória com o time Recreativo União Vila Esperança Futebol Clube, o Ruve, como é carinhosamente lembrado, e com os desfiles de carnaval, sempre concorridos. Essa época foi retratada por Adoniran na marcha Vila Esperança, gravada pelos Demônios da Garoa em 1968.

A repórter Elenita Fogaça, ouviu moradores e recolheu lembranças. “Foi lá que Adoniran passou um carnaval. Para compor a marcha *Vila Esperança* ele ficou ouvindo as nossas histórias”, diz Armando Sanches, fundador do Ruve, segundo anotado pela repórter.

Indagado se a história é verídica, Elenita perguntou quem era a Maria Rosa da letra da música. “Era uma menina-moça de encantar poeta”, disse

o então presidente do Ruve Salvator Vignati, na época com 59 anos, morador do bairro havia 57 anos. Nesse momento Armando Sanches interveio: “Ela morreu e não convém falarmos dela”, registrou Elenita.

No texto, a repórter menciona que os foliões mais antigos garantem que Maria Rosa existiu e encantou Adoniran. Para a nova geração ela apenas faz parte da imaginação dos mais velhos. Entra na conversa a dona de casa Ivone Beraldo, que passou quase todos os carnavais de sua vida na sede do Ruve. “Cada uma de nós era a ‘Maria Rosa’ de alguém”, explica Ivone. “Era comum moças e rapazes se conhecerem no carnaval e de lá iniciar um romance que não durava só os dias de festa. A união de muitos foi para a vida toda”, finalizou Ivone, segundo a reportagem.

No Tatuapé, amizade era levada a sério. As crianças da Rua Fernandes Pinheiro matam há 40 anos as saudades em reunião anual.

2.4 Os Personagens

A vida nos bairros se manifesta pela história de seus personagens e, no período que esta dissertação cobre, o suplemento *SeuBairro* colecionou uma galeria de pessoas que ajudam a traçar o perfil humano da cidade. Há as que narram a passagem da história; outras contam suas histórias. Outros, ainda, se destacam pelas suas atividades, algumas bastante curiosas.

No Centro, o retratista do Parque da Luz resistia com sua câmera lambe-lambe havia 41 anos. Distantes de qualquer cenário para o qual contribuía, dois comerciantes do ramo da pesca apresentaram seus “causos”; o então síndico do Edifício Copan falou de seu trabalho, de organizar a vida de cerca de 5 mil moradores e 6,5 mil pessoas que por ali circulam todos os dias.

O repórter encontrou o primeiro motorista de ônibus que, aposentado, dirigia um Aero Willys, na época com quase três décadas de uso. No Largo de São Bento, havia 40 anos, o engraxate poeta, com o curso primário completo, guardava cadernos com 200 poesias, tocado por uma visão da Virgem que teve aos 10 anos de idade. Na Estação da Luz, havia 20 anos, um também engraxate se orgulhava em ser inventor nas horas vagas.

Na Praça da Sé, a pauta se transformou na observação de vendedores e religiosos que tentavam conquistar os passantes “no grito”, com microfone, ou dando piruetas. Ali, também, em torno do Marco Zero, um flagrante paulistano registrou uma falsa freira que perambulava pela região, o garoto que esperava o pai, camelô, e o baiano recém-chegado.

Na Faculdade de Direito da Universidade São Paulo, no Largo de São Francisco, entre as tradições acadêmicas, o foco foi para o fotógrafo que havia registrado nos últimos 25 anos, eventos e alunos, em sala de aula e em festividades. E, na Galeria do Rock, como ficou conhecida a passagem entre a

Rua 24 de Maio e a Avenida São João, oficialmente denominada Grandes Galerias, estava um vendedor de discos que, quando gostava do artista, ia ao show, assessorava, fazia divulgação e acabava se tornando amigo do ídolo.

Na Zona Leste, *SeuBairro* encontrou uma dupla de tetracampeões de peteca. Um morador da Mooca preocupado com a comunidade; o cantor, pianista e compositor Johnny Alf, morador do bairro, mostrou como era sua vida nos intervalos dos compromissos na noite. O repórter encontrou ainda um morador que trazia na memória cada canto e um punhado de histórias dos mais de 60 anos vividos na região.

No Brás, vivia um anarquista, filho de imigrantes espanhóis, que viveu os momentos das primeiras greves e do início do sindicalismo paulista. Do Tatuapé, foi registrado um exemplo de solidariedade, personificado na líder do grupo Liberdade é Vida que, aos 84 anos, da Praça Sílvio Romero, comandava ações voltadas a recuperar meninos de rua.

Na Vila Ré, o tintureiro andarilho passou pelas páginas do suplemento, fotografado com os cabides que carregava nos ombros com as roupas limpas que entregava e as que recolhia para trazer na próxima semana. Na região, duas celebridades do esporte passaram a atuar em outro campo de atividade. Os goleiros Gilmar dos Santos Neves, da equipe brasileira nas Copas de 58 e 62, e Félix Venerando, responsável pela defesa em 70, partiram para uma carreira no setor de veículos, dirigindo respectivamente uma concessionária e uma funilaria. Ainda do futebol, Dodô, o então craque do São Paulo, líder da artilharia do campeonato naquela época, falou para os leitores do *SeuBairro*, diretamente do conjunto habitacional em Artur Alvim, onde vivia com os pais.

Na Vila Carrão, havia o colecionador que vivia o dilema de precisar se desfazer da sua paixão de mais de 40 anos. Fã de cinema, ele não encontrava mais lugar para guardar seu arquivo. E, em tempos de baladas

eletrônicas, a região exportou um talento que se desenvolveu nas animadas noites da danceteria Toco, no Tatuapé. O DJ-residente se despedia, numa noite que não tinha hora para acabar, para um encontro de DJs em Londres.

Nos 50 anos da sua escola de samba, seu Nenê se transformava em personagem principal da Vila Matilde no documentário que começava a ser rodado, que iria mostrar como o samba do bairro deixou os salões dos clubes da região e fez história na avenida e depois no sambódromo paulistano.

Na Zona Norte, guarda de trânsito orientava e dava show de simpatia em rua movimentada da Vila Nova Cachoeirinha. No ponto de táxi, no Limão, motorista mantinha, enquanto esperava as corridas, uma tradição que trouxe do Nordeste, com seus versos de cordel.

Da tela da televisão, morador famoso de Santana, onde nasceu, o cantor Sérgio Reis, que vivia um personagem na novela *O Rei do Gado*, passeou com o repórter pelos caminhos do bairro que guardava na memória. Ainda no segmento musical, os repórteres encontraram também o compositor Renato Teixeira, “tocando” a vida na Cantareira, região bucólica que o inspirava havia 12 anos, depois que deixou a correria da cidade.

No Tremembé, a dupla de irmãos Pena Branca e Xavantinho cultivavam na casa onde moravam com a mãe, Dolores, as tradições rurais que trouxeram de Uberlândia, na música e no jeito de viver da roça. Do Carandiru, uma notícia original: o Grupo Sistema, de pagode, dos quais alguns integrantes ainda cumpriam pena, anunciam lançamento do CD *Além dos Limites*, em casa de show fora dos muros da prisão.

Aclamado morador, o campeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva mantinha um pé na região, como foi noticiado. Ele nasceu na Casa Verde, criou-se e viveu no Peruche e trabalhava em Santana. Menos conhecida, mas

também detentora de um título original, taxista de 60 anos, com ponto no Carandiru, era a mais antiga motorista em atividade na época.

E, ainda, a região serviu de cenário para o centenário da família Bandini. Em 1998, comemorou-se, em Lauzane Paulista, com uma festa à italiana, o desembarque no Porto de Santos do patriarca Franceso.

Morador do Jardim Maria Nazareth, o fotógrafo João do Carneirinho, havia 40 anos, mantinha o otimismo e era visto nas ruas da região, puxando um pônei e uns carneiros que compunham o cenário dos registros das crianças que ele encontrava no caminho.

Outros personagens foram encontrados na Zona Oeste. O sertanista Orlando Vilas Boas fez da Lapa seu refúgio na selva urbana. Ele fez um passeio por ocasião dos 405 anos de fundação do bairro e um resumo da sua vida na região foi assunto de matéria de capa do suplemento. Menos famoso nacionalmente, mas conhecido pelos lapeanos, morador decidiu cultivar um canteiro de legumes no quintal da sua casa. O resultado virou notícia no *SeuBairro* (V. *anexo*).

Ainda no bairro, no final de 1997, onde existiu o antigo Cine Nacional, cujo espaço foi remodelado para abrigar a casa de shows Olympia, se registrou uma movimentação, que não era mais novidade para a vizinhança, mas, nesse caso, era especial: o show de Roberto Carlos. Era mais um show de fim de ano, do “rei”, mas o que interessou para o suplemento foi informar sobre os bastidores, com o “séquito” profissional do cantor produzindo o espetáculo.

Era do ateliê, no Sumarezinho, do artista plástico Aldemir Martins, que vivia na cidade há 50 anos, que saíram suas últimas obras. Também na região, era possível contratar os serviços de Maria de Lourdes, que mantinha as unhas sujas de graxa e venceu preconceitos na sua borracharia.

No Cemitério da Consolação, o repórter encontrou um especialista. Havia 20 anos que um advogado pesquisava túmulos e os classificava segundo os valores histórico, artístico e arquitetônico. Ele também conhecia fatos e mistérios de mortos ilustres enterrados no local.

No Butantã, *Sila*, do bando de Lampião, anunciava seu depoimento impresso com as memórias do cangaço. Em *Angicos, Eu Sobrevivi*, ela deu uma nova versão ao episódio da morte de Lampião.

Ainda na região Oeste, mas além dos limites da cidade, os repórteres do *SeuBairro* encontraram em Osasco o pintor Waldomiro de Deus, que vivia na cidade havia 38 anos, de onde reuniu elogios do colega Salvador Dalí e reconhecimento internacional. Na Aldeia de Carapicuíba vivia um veterano garçom que, ao longo de 64 anos de profissão, já havia prestado serviço a mais de 200 famílias de renome na Capital.

A Granja Viana passaria a oferecer aos fãs da velocidade mais um espaço. O kartódromo local recém-inaugurado, se tornou, a partir de então, referência para os pilotos brasileiros e alguns de fama internacional, da Fórmula 1. O local passou a atrair curiosos, amadores e profissionais do esporte.

E, de Itapevi, o suplemento trouxe o resultado de dois anos de um trabalho altamente especializado de caldeiraria, realizado pelos técnicos da Oficina Naval. Dali saiu para os ajustes finais o barco que Amyr Klink levaria para sua expedição ao Pólo Sul.

Na Zona Sul, admiradores do Velho Oeste e de filmes de caubói se reuniam, perto do Ipiranga, aos sábados para assistir filmes de banguê-banguê no Clube dos Amigos do Western. Mas, não era um público comum de cinema.

Esses acompanhavam as cenas vestidos a caráter, de chapéu, lenço no pescoço e revólver de brinquedo.

Não longe dali, Zé do Caixão dava aulas arrepiantes de interpretação. No Cambuci, cineasta guardava em seu museu particular a memória da sétima arte, com projetores, filmes antigos, pôsteres, objetos raros e outros apetrechos ligados ao cinema. Na região da Liberdade, nissei contou que deixou a roça para se formar em odontologia; durante o curso praticou beisebol e chegou a jogar pela seleção brasileira nos Jogos Pan-americanos de 1951.

A tranqüilidade do bairro do Paraíso influenciou Arcângelo Ianneli, dono de uma personalidade “irriquieta” como definiu. Ali ele nasceu, mora e se projetou como artista plástico. Da Vila Mariana, o leitor do suplemento conheceu – ou se lembrou – de Ana Frida, que vestiu noivas e desenhou modelos em revistas especializadas e recebeu um convite do diretor de cinema Steven Spielberg para a estréia mundial de *A Lista de Schindler*, como agradecimento à sua colaboração no roteiro do filme.

As mudanças que ocorreram na vida da cidade foram narradas a partir de pontos de vistas diferentes, mas com alguma semelhança. A história da urbanização dos flancos da Avenida Paulista foi assunto do jornalista que manteve sua banca no eixo da Avenida Brigadeiro Luís Antonio. Aposentado e gerenciando o trabalho dos filhos, que herdaram sua profissão e a banca no Jardim Paulistano, outro jornalista viu as ruas tranqüilas do bairro sofrerem com o impacto do progresso.

No Jardim Europa, apesar das mudanças, uma tradição se mantém: a missa dos Josés, em março. A celebração ocorre na Igreja de São José e é acompanhada por vizinhos ilustres e, naquele ano, por um José, vendedor de bilhetes de loteria.

Vizinho dos Jardins, o Itaim-Bibi foi escolhido pelo dramaturgo e ator Marcos Caruso. O bairro faz parte da sua vida, mas ainda não foi homenageado por ele nos palcos.

Numa homenagem prestada por um clube social no Morumbi, Arrelia saiu de casa, na região e, aos 90 anos, emocionou adultos e crianças. Era o dia do lançamento do boneco com a sua cara de palhaço.

No Brooklin, o craque Rivelino abre uma escolinha de futebol na área de campo em que caçava passarinho. E, em Santo Amaro, o artista Julio Guerra, autor do polêmico Borba Gato, mostra aos leitores do suplemento suas telas que retratam o bairro em telas. Fiel às suas raízes santamarenses, o ator Raul Cortez conhecedor das belezas e problemas do bairro, disse que viveria o personagem de prefeito, na vida real, se a emancipação vingasse.

Um era recordista e o outro, amante da vida. Ambos, do Campo Belo. O primeiro figurou no livro *Guinness* como o maior colecionador brasileiro de latas de cerveja. Ele guardava 28 mil vasilhames, de 150 países. Já o segundo, aos 96 anos, era formado em Medicina e nunca atuou na área; criou uma pomada contra dores lombares, mas se destacava porque gostava de namorar, cultivar amizades e não dispensava uma cervejinha.

Do extremo Sul, há um exemplo de solidariedade; uma versão original para a história de Angicos e, um criador de gado, na Marginal do Pinheiros. Todos foram notícia do *SeuBairro*.

Morador do Capão Redondo monta peças de teatro, no Teatro Paulo Eiró, em Santo Amaro, com elenco de crianças e adultos carentes; já o cabeleireiro casado com neta de Maria Brava, do grupo de Virgulino, acredita que Lampião e Maria Bonita estavam longe do acampamento quando a volante

surpreendeu o bando nas primeiras horas da manhã. E, em plena área urbana, morador cria 42 cabeças de gado e 15 cavalos.

Em Taboão da Serra, a catador de lixo realiza sonho de ser projecionista e exhibe filmes aos domingos no Mini-Cine Tupy, que montou em casa. No resto da semana, ele deixa o carrinho de mão que puxa pela cidade para comandar o projetor. Era a primeira vez que sua fama chegava à grande imprensa (V. Anexo).

Essa galeria de vivências está muito bem sintetizada por Cremilda Medina. Diz a autora:

“Quando se enfrenta na comunicação social, a experiência da rua e se vai ao mundo para registrar o perfil dos protagonistas sociais, sobretudo daqueles que ainda não se consagraram como vedetes (olimpianos, como diz [Edgar] Morin), não está em jogo a razão ou a irracionalidade. Emerge uma esfera que transcende a dicotomia racional/irracional: o universo fluido e misterioso da não-racionalidade”. (2003, p.130)

E, não com esse intuito, mas com esse resultado, o trabalho de procurar, para depois encontrar, ouvir e publicar essas histórias tão particulares quanto pessoais de moradores da cidade, acabam produzindo um perfil inédito de como se vive a vida na maior cidade do País, mesclada com experiências tão enriquecedoras.

2.5 A Solidariedade

A composição do tecido humano que veste São Paulo vai ser detalhada neste capítulo por meio das reportagens publicadas no suplemento *SeuBairro*. Aqui, ocorre a constatação que a prática da solidariedade está espalhada entre os moradores da cidade. E, o que se pode perceber que essa não é uma atividade coercitiva. Nem, necessariamente, com fins econômicos. Até porque na maioria dos casos, são exemplos que ocorrem à margem da mídia.

Vale lembrar que os registros jornalísticos são de uma época em que não se falava em responsabilidade social de empresas. Época, aliás, que coincide com o surgimento das primeiras tentativas de ação do que se chamou de terceiro setor, que ainda eram iniciativas isoladas. *SeuBairro* pode servir de referência para um estudo aprofundado.

Apesar de o noticiário da época insistir no aumento dos índices de criminalidade, a ponto de estimular ainda mais nos paulistanos a idéia do isolamento e da falta de segurança, o que os repórteres do *SeuBairro* apuraram e transformaram em notícia indicam que pouco se sabe – e se noticia – sobre esse gesto de aproximação e cuidado com o próximo que se mostrou uma prática rotineira, apesar de dificuldades materiais de ambas as partes: a carência de quem oferece e de quem recebe.

O esporte é uma das ferramentas com as quais o agente se vale para lidar com grupos sociais, principalmente menores, no processo de amparo e proposta de inclusão. Uma academia de judô da Zona Norte encontrou horário para treinar crianças de rua; uma empresa de exportação passou a dar apoio para jovens por meio da prática de futebol de salão, ao mesmo tempo em que promovia acompanhamento médico e psicológico entre os menores assistidos.

Não muito diferente era a proposta do Sete de Setembro, um time de futebol da Freguesia do Ó, que preparava jovens para uma carreira profissional.

A essas iniciativas de longo prazo e voltadas para a prática esportiva, o suplemento divulgou outros exemplos recolhidos na região, como a proposta de uma ex-menina de rua que atendia 65 menores e de voluntários que promoviam festas nas quadras das escolas de samba Mocidade Alegre e Unidos do Peruche para a distribuição de presentes de Natal.

Ações de entidades ligadas à Igreja, como da Sociedade Dom Bosco, ou do centro espírita Irmão Augusto, de promover atendimento social a comunidades carentes eram divulgadas, como também atividades artísticas, voltadas para meninos de rua, ou práticas institucionalizadas, como a do Centro Social Leão XIII, na Vila Maria, que se repetia há 56 anos, que se somam às da Associação Santo Alberto, em Lauzanne Paulista, que mantinha o Centro de Convivência Odyra Moreira Ferreira, para 301 carentes de idades variadas, onde recebiam um acolhimento familiar.

Na Zona Sul da cidade, não era diferente. Pode ser mais organizado em mais espalhado, mas ali ocorria um trabalho sistemático na Favela Monte Azul, que envolve programas de educação, saúde, habitação e lazer para uma comunidade de 3.700 pessoas. Já na Favela de Nossa Senhora do Outeiro, em Cidade Dutra, a atividade desenvolvida pela Congregação Missionária da Santa Cruz, desde 1978, atingia na época 130 beneficiários, com idades entre 2 e 22 anos.

Na Favela 20, também no bairro, a atividade proposta pelo Centro Pastoral de Orientação e Educação à Juventude estava voltada a 120 garotos da comunidade que passavam a manter contato com atividades artísticas, como teatro e dança, aliadas ao companheirismo.

Em outros casos, era a arte imitando a vida. Moradora do Morumbi, após ter sido assaltada 8 vezes, muda rotina em favela. Paisagista, ela criou um programa social voltado para auxiliar os moradores da Favela do Jardim Panorama. Essa história inspirou a personagem Julia, da novela *A Próxima Vitima*, que exibida pela Rede Globo em 1995,

A iniciativa de uma pedagoga, moradora do bairro de Campo Grande, foi criar, em 1992, uma casa-lar para menores que pedem esmolas nas ruas ou são abandonados. A proposta foi acatada por empresas que ajudavam a manter esse atendimento. A Ação Comunitária do Brasil promoveu, no Campo Limpo, uma proposta semelhante, mas com um espírito preventivo: manter os 3 mil alunos matriculados nas escolas rede oficial na região ocupados no período de férias com atividades esportivas, culturais e de lazer.

Procedimentos de alfabetização e educação voltados a pessoas carentes foram notícia quando se falou do trabalho desenvolvido no Centro Comunitário Castelinho, em Americanópolis, destinados a crianças e mulheres da terceira idade. No Jardim Catanduva, obras sociais da Comunidade Kolping atraíam os moradores.

Os repórteres do *SeuBairro* encontram ainda outras maneiras de manifestar solidariedade. Uma clínica na região, atendia de graça casos de portadores de Síndrome de Down. Também mereceu destaque o trabalho das equipes que contam com 600 voluntários que se dedicam a auxiliar no atendimento da Associação Assistência à Criança Defeituosa.

E, ainda, de uma maneira original, a atriz Etti Frazer havia adotado uma campanha solidária para ajudar representantes da classe artística diagnosticados com o vírus HIV. Como forma de divulgar a campanha, o suplemento divulgou a idéia de “dar mesada”, proposta pela atriz, a atores,

bailarinos e artistas circenses sem recursos para arcar com o tratamento de saúde.

O tema saúde ofereceu outras pautas, como o auxílio prestado pelas equipes médicas do Amparo Maternal, na Vila Mariana, que acolhe e presta assistência a mulheres sem recurso. Também, o serviço prestado no Hospital Infantil Darci Vargas, de coleta entre doadoras e armazenamento de leite materno para distribuição gratuita foi divulgada para os leitores.

Um público específico, atendido na Unidade Básica de Saúde, do Jardim Lídia, também virou notícia. O suplemento registrou o programa de atividades proposto pela instituição Vida Ativa, com palestras, debates e atividades de lazer para moradores da terceira idade.

Propostas de inclusão social também passaram a ser divulgadas, como as desenvolvidas na Casa do Zezinho, que havia 4 anos abriu suas portas para oferecer aos menores carentes da região perspectiva de vida, por meio de cursos profissionalizantes. Com mais experiência nessa área, a Colméia, criada há 65 anos para orientar adolescentes para a vida, e a Cruzada Pró-Infância, que dá assistência a crianças carentes, foram notícia pelos exemplos da força do trabalho voluntário.

Outras formas de resgate da cidadania se manifestaram por meio do esporte. Na região sul da cidade, seis escolinhas de futebol, mantidas por clubes e ex-jogadores, além de incentivar o gosto pela modalidade nas crianças, também se mostraram interessadas em manter vagas para menores carentes. Com uma proposta semelhante, a escola-casa do Projeto do Futuro treina, alimenta e educa talentos do atletismo, judô e natação com aulas no Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães, no Ibirapuera.

Mas, há quem indique a música como instrumento de inclusão. Esse era o pensamento dos fundadores do grupo Meninos do Morumbi, que desenvolveu um trabalho baseado na percussão, que acabou sendo aplaudido em apresentações fora do País.

O resgate da cidadania, contudo, pode também ser exercido não apenas em torno da população carente. Dessa maneira, em 1996, o Movimento de Prevenção de Riscos Urbanos dava seus primeiros passos no Jardim Paulista. O objetivo de seus integrantes-fundadores era a busca de melhoria da qualidade de vida na cidade, mediante a coleta de denúncias de moradores. E, para uma cidade com índices de riscos urbanos, a iniciativa do Sesc-Interlagos, que chegou às páginas do *SeuBairro*, traria outra melhoria: a reciclagem de lixo para preservar meio ambiente, o que beneficiaria uma área de reserva nativa da Mata Atlântica, mantida naquela unidade.

Na Zona Leste, a proposta do Corpo de Bombeiros na Vila Prudente é carregada de símbolos. Ali, os bombeiros-mirins, resgatados da rua, recebem formação para salvar vidas. Essa iniciativa, que foi matéria de capa do *SeuBairro* em 1995, foi a primeira de muitas outras experiências sociais na região.

Em Itaquera, a Obra Social Dom Bosco atuava para atender 800 menores abandonados que estavam nas ruas, preparando-os para disputar o mercado de trabalho. Nesse bairro, a Associação Pró-Excepcionais Kodomo-No-Sono, desde 1958 desenvolve um trabalho de apoio a portadores de deficiência mental de diversas idades, por meio de atendimento médico, psicológico e social e nas oficinas da instituição. Já no Parque Paulistano, a Associação Casa de Convivência de Meninos e Meninas de Rua dividia com moradoras da comunidade a atenção aos 10 menores abrigados.

Na Casa Comunitária Damião de Molokai, na Vila Prudente, o objetivo era atender 30 sem-teto que perambulavam pelas ruas do bairro e tentar readaptá-los à sociedade. Na Mooca, depois de viver nas ruas e conhecer o mundo da marginalidade, garotas voltam a ter esperança na Casa Moradia Paes de Barros, que oferece abrigo, atividades esportivas e culturais. Em Sapopemba, uma entidade procura ajudar adolescentes carentes a aprender profissão e montar negócios; trabalho surgiu com apoio da comunidade e da Igreja.

Os olhos da sociedade nos menores desassistidos também sensibilizaram moradores da Vila Formosa. Ali, o Centro de Formação Profissional oferecia opções para jovens por meio de cursos variados: de informática a serviços domésticos. No Belém, não era diferente. As equipes que coordenam os projetos do Centro Social Bom Parto atendiam um público especial: crianças, jovens e adolescentes. Em São Mateus, a idéia de oportunidades na sociedade passava por uma mini-fazenda; no Tatuapé o atendimento era diversificado diante das carências observadas. No bairro, a Casa Transitória oferecia assistência, emprego e ensino a pessoas carentes, além de atender gestantes sem condições financeiras, idosos e crianças portadoras do vírus da Aids. Outra instituição que virou notícia foi o Núcleo Assistencial Espírita Paz e Amor, que, por meio de seus 500 voluntários, ensinava ofícios e oferecia apoio psicológico e médico para crianças e adultos.

A cobertura do suplemento *SeuBairro* na Zona Oeste encontrou outros exemplos. Uma das primeiras iniciativas na região, entre empresas privadas envolvidas em ações sociais, estava a do Instituto C&A em parceria com entidades sociais e trabalho de 600 funcionários voluntários eram desenvolvidos projetos em educação e assistência de crianças carentes.

O trabalho social conjunto do Governo do Estado, da iniciativa privada e da população faziam girar as máquinas instaladas num antigo galpão ferroviário, na Lapa, que recebia gratuitamente portadores de deficiência física

ou mental e pessoas carentes. Na Vila Mirante, mães que tiveram filhos desaparecidos, se reuniam na casa da líder local do movimento Grupo de Mães da Sé.

Outra maneira de resgate da cidadania e, ainda, do próprio indivíduo marginalizado ocorria em entidades que promovem a reciclagem de lixo. No Instituto de Reciclagem do Adolescente, a atividade também embutia um fim ecológico.

Além dos limites urbanos de São Paulo, onde o suplemento também circulou, a equipe de repórteres, da mesma maneira, recolheu experiências de solidariedade. Na Granja Viana, moradores carentes de duas favelas e de sete comunidades da região trocaram a vida nas ruas por brincadeiras de circo, práticas esportivas e atividades pedagógicas em creche, por iniciativa de um empresário.

Em Osasco, o Lar Plantio do Amor acolhia meninos de rua carentes. Lá, as equipes sociais não mediam esforços para reintegrar os menores em suas famílias. No bairro do Carmo, em Vargem Grande Paulista, a comunidade de descendentes de escravos vivia a experiência dos quilombos com orgulho cívico, apesar dos problemas.

Em Barueri, jovens pichadores aprenderam a direcionar a criatividade em torno do próprio reconhecimento. Para essa transformação, contaram com apoio de um pintor italiano que vivia na cidade, e os ensinou a lidar com técnicas de resina, cimento, fibra de vidro e viver uma nova profissão, com o compromisso de não usarem espaços públicos.

De Cotia veio a notícia segundo a qual uma entidade estava decidida a franquear a ajuda social, depois do que aprendeu lidando com um grupo de 350 crianças carentes.

Ainda usando o tecido como imagem, a solidariedade acabou por se mostrar como uma espécie de microfibra que amarra os nós e amarra os indivíduos uns aos outros. Esse gesto se traduz no “universo fluido e misterioso da não-racionalidade”, referido por Cremilda Medina e mencionado no final do capítulo anterior.

Esse fluido acaba compondo a modernidade líquida antevista por Zygmunt Bauman (2001, p.33) mas como resultado de uma ação dos indivíduos concretos e muito vinculados entre si.

3. A cidade faz pensar

Na introdução dessa dissertação de mestrado fiz referência ao fato de a intenção de uma empresa jornalística em fazer jornal de bairro não ser a mesma da comunidade, que busca por meio de um veículo, falar de suas reivindicações e procurar adeptos para suas causas. O jornal comunitário traz um traço do jornalismo romântico, do debate de idéias, da pregação partidária, o que, efetivamente, não é o objetivo de uma empresa jornalística capitalista. E, sem querer fazer entender que o processo pelo qual passou o suplemento *SeuBairro*, que se iniciou com uma proposta de fazer jornal de bairro e se transformou num suplemento para falar sobre o bairro, num sentido de verticalidade e superioridade, característico da comunicação de massa em relação ao receptor, era um fato recorrente de qualquer crise econômica contemporânea, recorro às referências históricas apresentadas por Marcondes Filho, que situa o que chama de “pulo do gato”, no século 19³.

Às mudanças no fazer jornalístico que advieram com a tecnologia digital e a intermediação por meio do telefone, as regras estabelecidas pela editoria de Cidades tornavam claras as formas de captação de notícias: por meio de mediações tecnológicas não se conseguiria fazer jornal. Os fatos estavam nas ruas da cidade para onde os jovens repórteres da equipe dos suplementos iam cumprir suas pautas.

Esse processo, contudo, trouxe um novo entendimento para o que se considerava ser um jornal de bairro. Na sua dissertação de Mestrado para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, José Luiz Proença lembra que na década de 1990, a cidade de São Paulo concentrava 1.630 bairros, vilas e jardins, dos quais, o maior número havia surgido a partir dos anos 50.

³ “(...)enquanto a imprensa popular ganhava as ruas, estimulando campanhas operárias, as lutas socialistas, as conquistas sociais, os donos das empresas jornalísticas já estavam dando seu ‘pulo do gato’. (...) todo o romantismo será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros(...)” (2002, pp. 12 e 13).

“Inegavelmente, o bairro constitui hoje a comunidade urbana, a representação mais legítima da especialidade de sua população e não é por acaso que São Paulo conta com 900 sociedades de ‘moradores’. Reconhece ainda [Jorge] Wilhelm que o bairro é o território ideal da reivindicação coletiva, pois em territórios maiores há conflitos de prioridades entre um e outro bairro e, na rua domiciliar, as reivindicações esgotam-se rapidamente. É nesse contexto que o jornal de bairro vai ter que atuar e abrir seu espaço para os movimentos reivindicativos da população e não ser apenas um instrumento do comércio local para seus compradores”.⁴

Possivelmente, essa foi a trilha do suplemento, porém, não na maioria dos casos. Ouvia-se a sociedade amigos do bairro quando essa instituição estava constituída, mas evitava-se ouvi-la quando havia interesses eleitoreiros disfarçados, ou interessados em se promover às custas dos moradores. Muitas vezes, ouviu-se o morador diretamente, uma vez que era o próprio morador que se apresentava ao repórter para trazer as reivindicações de melhorias para a porta da sua casa, ou para a rua inteira.

Proença encontra nos anos 50 o momento em que se pode fixar o aparecimento do jornal de bairro moderno na cidade de São Paulo. A “Folha de Pirituba”, fundada em 1953, dá início a um movimento que se expande para outros bairros e resulta no aparecimento de “O Amigo”, em 1954, que circulou na Mooca, Tatuapé e Vila Prudente; a “Gazeta de Pinheiros”, de 1956 e a “Folha da Zona Norte” e a “Gazeta do Ipiranga”, de 1958, completam esse ciclo histórico do jornalismo regional paulistano. A tradição dessa imprensa na cidade se inicia no final do século 19, com “O Braz”, fundado em 1º de setembro de 1895.⁵

⁴ Proença, José Luiz. *Contribuição para o Estudo do Jornal de Bairro como Elemento de Utilização das Comunidades na Metrópole*. 1984. Dissertação Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. No texto, Proença se refere a Jorge Wilhelm, secretário municipal de Planejamento na administração Mário Covas (1983-1986)

⁵ “Década de 50: o ‘boom’ na imprensa de bairro” de Dirceu Fernandes Lopes e José Coelho Sobrinho *in* Proença, José Luiz (org). *A evolução do jornalismo em São Paulo*. São Paulo, Edicom/ECA/USP, 1996. p. 60 e 63.

Do levantamento histórico sobre os jornais de bairro, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura em 1985, Lopes e Coelho Sobrinho destacam que, efêmeros, os primeiros jornais de bairro não se envolviam no debate político, objeto de opiniões publicadas tanto na grande imprensa quanto nos jornais alternativos da época.

No caso do suplemento *SeuBairro*, a proposta se mostrou coerente com o que os autores apresentam como o fator de não-envolvimento com a política. Esse era um assunto para as páginas do jornal-mãe.

Lopes e Coelho Sobrinho observam também que, depois de mais um século, os jornais de bairro apresentam uma característica bem definida: a proximidade da relação fato/leitor. Esse diferencial, afirmam, “se tem consolidado como um dos mais fortes instrumentos de informação, garantindo espaço para as suas reivindicações e profundidade na discussão dos fatos de interesse local, que dificilmente ganham a mesma oportunidade na chamada grande imprensa, por esta ter-se voltado a assuntos de interesse nacional e internacional, em busca de um público mais variado”.⁶

Com base nessas observações de Lopes e Coelho Sobrinho é possível traçar um paralelo entre a característica que definiram como “fortes instrumentos de informação” e o conteúdo dos suplementos *SeuBairro*. Mas, novamente, com o diferencial que os suplementos faziam parte do corpo de um dos mais importantes jornais da grande imprensa.

Embora não houvesse uma reflexão teórica prévia sobre o foco do suplemento, *SeuBairro* seguia, ainda, a perspectiva proposta no trabalho de Ana Arruda Callado e Maria Ines Duque Estrada, autoras que fizeram um amplo estudo sobre imprensa comunitária.⁷ No resultado da pesquisa, as autoras apontaram que “80% dos leitores habituais dos grandes veículos se situam em sua cidade-sede, esses números realmente comprovam a impossibilidade dos jornais da

⁶ *Op. cit.* p. 59.

⁷ Callado, Ana Arruda e Duque Estrada, Maria Ines. *Como fazer um jornal Comunitário*. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 40

grande imprensa efetuarem uma cobertura eficaz e satisfatória das atividades dos bairros”.

Ou seja, o jornal “Estado de S. Paulo”, como representante da grande imprensa, tinha o seu foco muito mais no ambiente exterior – fora da cidade – do que nos bairros e nas necessidades locais. Dessa maneira, o suplemento acabou por trazer recortes da cidade de São Paulo que ofereciam ao leitor do jornal uma possibilidade de se manter conectado com uma fração da realidade, bastante próxima, ao mesmo tempo em que esse leitor percorria os caminhos das informações internacionais.

Conciliar o espírito dos jornais comunitários com a grande imprensa, ou como essas duas formas de fazer jornal são conciliáveis são questões que esse trabalho se propõe a avaliar. Para isso, busca referências nos autores que estudaram as teorias da comunicação de massa, a começar por Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach. Os dois autores fizeram um painel da evolução da comunicação de massa e sua influência sobre os indivíduos, a sociedade e a cultura.⁸

Eles mostram que, no final do século 19, a Revolução Industrial tardia faz surgir uma classe média, que reunia consumidores em potencial para os novos bens que estavam sendo produzidos e colocados no mercado. Outro fator importante que marca esse período histórico foi o fato de a atividade jornalística adotar uma postura empresarial, o que vai resultar num produto diferente do tradicional veículo de cunho exclusivamente político, característico dos jornais de até então. Como empresa num sistema capitalista, a atividade jornalística passaria a estar sujeita às regras de mercado e, conseqüentemente, visar ao lucro.

O contexto no final do século 20 havia mudado, contudo. E, na cidade de São Paulo não foi diferente. Enquanto a Internet estava criando uma bolha, cuja superfície se apresentava como um novo campo de trabalho para os

⁸ Melvin, L. De Fleur e Ball-Rokeach, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio, Jorge Zahar Editor, 1993.

jornalistas, o suplemento *SeuBairro* trazia artigos sobre a vida nas comunidades menos favorecidas, as programações culturais das associações de bairro, o trabalho profissionalizante nas periferias e incentivava o desenvolvimento de pequenos estabelecimentos para comercialização de produtos reciclados.

Uma análise, mesmo que superficial, sobre os caminhos da economia mostra que as empresas capitalistas estão hoje inteiramente voltadas para o incentivo ao consumo. Um contraste se delineia e é observado por pensadores da comunicação: as relações entre consumo e cidadania.

A perspectiva proposta por Ana Arruda e Maria Ines sobre o acesso do cidadão comum às páginas do jornal, como mencionado há alguns parágrafos, não se mostra mais tão consistente. O mesmo se pode falar das reivindicações dos moradores dos bairros, que passaram a disputar em desvantagem espaço nas páginas com a publicidade.

Esse fator de exclusão nos remete à Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada em tempos de paz. Seu texto forma um conjunto de regras, extensivo a todos os países que integram a Organização das Nações Unidas, no qual estão estipulados os direitos e deveres dos indivíduos, considerados cidadãos. Esse documento como que ratifica a histórica Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, votada pela Assembléia Francesa, em 1789, que confirmou os objetivos da Revolução Francesa.

Em tempo: o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem dispõe que “todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras”.

Ocorre que, se considerarmos a questão da lucratividade proposta pelo sistema capitalista, esbarraremos numa contradição, bem abordada pelo ensaísta argentino Nestor García Canclini, sobre os conflitos da globalização e o

conceito de cidadania, que estão implícitos na contradição entre a grande imprensa e o jornalismo comunitário.⁹

Na introdução ao livro, Canclini já coloca a sua crítica no título: “Consumidores do século 21, cidadãos do século 18”. Nas páginas seguintes, o autor vai mostrar como as mudanças na maneira de consumir alteraram as possibilidades e as formas do exercício da cidadania. Para Canclini, o acesso à informação e a delegação de direitos são explicados por meio do consumo privado de bens e pelos meios de comunicação de massa mais que pelas regras abstratas da democracia e pela participação coletiva em espaços públicos.

O autor dá como exemplo o discurso político com um viés de consumo. Segundo ele, o palanque do candidato saiu da praça [a idéia de praça, rapidez, velocidade, transformaram praças – originalmente, espaços de lazer em pontos de passagem] e entrou pela “janela” eletrônica na casa do eleitor, envolvido pela persuasão ideológica voltada para as pesquisas de marketing, que vai considerar esse telespectador como consumidor, malgrado o discurso cívico.

Estendo esse cenário indicado por Canclini – a praça pública, que se tornou vigiada, ou muitas vezes privatizada – às páginas do jornal, nas quais o leitor buscava informações e acabava por não encontrá-las uma vez que aquele espaço voltado ao público passou a ser privatizado, com preferência ao anunciante. É como se fosse instalado um outdoor de publicidade privada na área mais nobre desse lugar público.

Diz o ensaísta argentino, referindo-se à televisão, mas com uma mensagem que pode ser estendida aos demais veículos de comunicação de massa, e não apenas com o sentido restrito da política, mas para o processo de escolha do produto a ser consumido: “O resultado dessa manobra, arquitetada no Olimpo da democracia burocratizada, é um processo de escolha deixado ao livre

⁹ Canclini, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadão: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UERJ, 1995. p. 12.

arbítrio do eleitor/telespectador que, no entanto, não pode usufruir um universo pleno de opções. A decisão passa a ser tomada a partir de conceitos de consumo; do que está disponível nas gôndolas do ‘shopping’ da informação.” Canclini acrescenta que “as identidades passaram a configurar-se no consumo: dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir”.¹⁰

Esse discurso explica o que se sentia, mas era invisível para a equipe do suplemento: havia algo no ar, pressentia-se, diante da dicotomia latente. Enquanto se pensava na pauta, na descoberta da cidade desconhecida, pairava uma certa insegurança na qual se considerava a continuidade do trabalho.

O autor sugere que se faça um corte nesse painel para que nos fixemos em grupos nos quais se multiplicam as carências. “A maneira neoliberal de fazer a globalização consiste em reduzir empregos para reduzir custos”, diz Canclini, que conclui, lembrando que mais de 40% da população latino-americana se encontra privada de trabalho estável e de condições mínimas de segurança e sobrevive do comércio informal – também globalizado – de eletrônicos japoneses, roupas do sudeste asiático, ou de contrabando e artigos “pirateados”.

Essa era a realidade à época. E, na verdade, não se pode indicar que esse cenário se alterou. No caso, a alteração se dá com uma maior nitidez das partes envolvidas numa situação de aumento dos grupos que se marginalizam.

Nesse cenário, as inovações tecnológicas sensibilizam pensadores contemporâneos a refletirem sobre as conseqüências que podem acarretar. É premente, dizem, a necessidade de uma nova ordem, que vai implicar em novos processos de comunicação.

¹⁰ *Op. cit.* p.13 e 14.

Para atender a uma demanda de questionamentos sobre iniciativas semelhantes, Dênis de Moraes reuniu textos de renomados ensaístas e pensadores que discutem as questões que envolvem mídia, globalização e poder, numa obra pontual: *Por uma Outra Comunicação*.

A necessidade do debate é iminente, como sinaliza Moraes na apresentação da antologia:

“Como indicam vários ensaios desse volume, o horizonte para um mundo possível não poderá abrir mão de políticas públicas democráticas para os serviços e espaços de comunicação, dentro de uma visão necessariamente supranacional, coordenada e convergente. Difícil imaginar a universalização da cidadania no quadro de dramática oligopolização dos setores multimídias. Resgatar a diversidade é fundamental para a coexistência dos povos, das nações e das culturas. Precisamos com urgência viabilizar um realinhamento equilibrado e estável dos sistemas globais de informação e entretenimento. Realinhamento que respeite peculiaridades regionais e afinidades eletivas, e não desconheça as mutações da era digital, mas que coíba monopólios, permita a descentralização da produção simbólica e assegure o bem supremo do pluralismo”.¹¹

Esse recorte sintetiza a separação entre o pretendido e o possível. A idéia da empresa de redução de custos trazia novos realinhamentos, como ocorreu com a mudança da circulação do suplemento, que se restringiu a regiões de possível consumo.

¹¹ Moraes, Denis de (org). *Por uma outra comunicação, mídia, mundialização cultural e poder*. São Paulo, Editora Record, 2003. p.11.

Um dos textos que merece destaque nessa antologia é o do professor Mark Poster, da Universidade da Califórnia.¹² Poster faz um contraponto ao conceito de cidadania diante de processo de globalização, referindo-se à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, marco da Revolução Francesa. Fica implícita no texto a necessidade de se resgatar o lado “humano” da sociedade, ou seja, que o foco do conteúdo informativo passe a considerar os indivíduos que compõem o amálgama social. Isso porque a identidade que os une os transformou em “massa”, pretensamente homogênea.

Canclini, novamente, traz o foco para o tema: “a aproximação da cidadania, da comunicação e do consumo tem, em outros fins, reconhecer estes novos cenários de constituição do público e mostrar que para se viver em sociedades democráticas é indispensável admitir que o mercado de opiniões cidadãs inclui tanta variedade e dissonância quanto o mercado da moda, do entretenimento”.¹³

Mais adiante no texto, Canclini traz uma contribuição valiosa, localizada, justamente, na cidade de São Paulo. O foco da questão é o espírito conservador que preconiza a desigualdade entre os moradores da metrópole.¹⁴

Na arena instalada para o 2º Fórum Social, em 2002, na cidade de Porto Alegre, a palestra proferida pelo jornalista Osvaldo Léon traz luzes para o debate. Diz o autor: “A democratização da comunicação é antes de tudo uma questão de cidadania e justiça social, que se demarca no direito humano à informação e à comunicação”. Depois de fazer coro a outros pensadores sobre as relações entre consumo e cidadania, Leon acrescenta que “a promessa de futuro se delineie com abundante informação gratuita, mas banal – embora

¹² Poster, Mark. “Cidadania, mídia digital e globalização”, in Moraes, Denis, *op.cit.* p. 317

¹³ *Op.cit.* p.21

¹⁴ Canclini faz referência ao estudo que Antonio Flávio Pierucci, professor na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, desenvolveu sobre a discriminação contra nordestinos à época da disputa pela Prefeitura de São Paulo, para a qual concorreram Fernando Henrique Cardoso, Paulo Maluf e Jânio Quadros, em 1985. Pierucci analisou as zonas em que haviam sido mais votados Jânio Quadros, que foi eleito, e Paulo Maluf, o candidato da direita. Descobriu que na classe média baixa um dos motivos principais do voto conservador era a aversão aos migrantes nordestinos a quem responsabilizavam pela decadência da cidade. *Op. cit.* p. 108-9

espetacularizada pelos meios de comunicação -, sendo que só quem puder pagar terá acesso à informação de qualidade”.¹⁵

À essa época, até a seção *Cartas* do suplemento havia sido suspensa, como está anotado na parte que trata do histórico do *SeuBairro*. Para o suplemento, contudo, não se pensava em pautas espetacularizadas – transmitidas com imagens ao vivo, como no então programa jornalístico-policial “São Paulo-Agora”, do SBT – e, com esforço, procurava-se manter um nível de qualidade na informação, apesar do volume de trabalho e do fato de a equipe ficar periodicamente reduzida, por questão de economia de custos.

Diante de incertezas internas, havia, no entanto, uma demanda de assuntos que estavam presentes na cidade de São Paulo, diante da diversidade de culturas que caracterizam a população paulistana, formada por um contingente interminável de personagens e pautas para o suplemento, como várias que foram publicadas em reportagens e perfis.

Dessa maneira, o que o jornalista Osvaldo León tomou como meta na palestra que proferiu no II Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2002, havia se mostrado viável, no suplemento *SeuBairro*. León fez referência naquela oportunidade a um projeto em que fosse localizado o público que costumeiramente vemos nos espaços públicos, mas do qual pouco sabemos. Projeto, possivelmente, inatingível justamente por causa da distância que passou a existir entre as pessoas da cidade e a redação do jornal. Esse contato, que já foi possível como anotado acima, acabou refém da “ditadura” do mercado, para usar o termo provocador do jornalista Osvaldo León.

¹⁵ Leon Osvaldo, *Para uma agenda social em comunicação*, in Moraes, Denis, *op. cit.* p. 401-14

Bibliografia

BANANÉRE, Juó (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado), *La Divina Incrência*, São Paulo, Folco Masucci, 1966.

BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter, *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*, volume 1. São Paulo, Brasiliense, 1996.

CALLADO, Ana Arruda e DUQUE ESTRADA, Maria Ignes. *Como fazer um jornal comunitário*. Petrópolis, Vozes, 1985.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadão: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro. Editora UERJ, 1995.

CANEVACCI, Massimo, *A cidade polifônica – Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Nobel, 1997.

COSTA, Luiz (org). *Teoria da Cultura de Massa*. Adorno, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Indústria Cultural*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

DE FLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

FLUSSER, Vilém, *Fenomenologia do Brasileiro: Em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro, Eduerj, 1998.

LÉON, Osvaldo. *Para uma agenda social em Comunicação*, in Moraes, Denis, op. cit.

MARCONDES FILHO, Ciro, *A Saga dos cães perdidos*, São Paulo, Hacker, 2002.

MEDINA, Cremilda, *A arte de tecer o presente – Narrativa e Cotidiano*, São Paulo, Summus, 2003.

_____. *O signo da relação – Comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo, Paulus, 2006.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira, *Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros*. São Paulo, Annablume, 2007.

MORAES, Denis (org.), *Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

POSTER, Mark. *Cidadania, mídia digital e globalização*, in Moraes, Denis, op. cit.

PROENÇA, José Luiz. *Contribuição para o Estudo do Jornal de Bairro como Elemento de Utilização das Comunidades na Metrópole*, 1984. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

_____. (org). *A evolução do jornalismo em São Paulo*. LOPES, Dirceu Fernandes e SOBRINHO, José Coelho, “Década de 50: o ‘boom’ na imprensa de bairro”. São Paulo, Edicom/ECA/USP, 1996.

TRAQUINA, Nelson, *Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são*, volume 1. Florianópolis, Insular, 2005.

4. Conclusão

“(...) *I baténo a mon inzima o goraçó, disse: o Bo’ Ritiro sta aqui!!!*”. Esse verso, que encerra a “poesia patriótica” *O Studenti du Bó Ritiro*, de Juó Bananere, personagem de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, ecoa na minha cabeça desde os anos 60, época em que adquiri uma reedição do *La Divina Incrensa*¹⁶, livro publicado originalmente em 1915. Escolhi esse verso porque, de uma certa maneira, resume o espírito que pretendi trazer para essa dissertação de mestrado. Diferentemente da idéia de uma cidade “desumana”, São Paulo concentra uma população de pessoas que a amostra colhida na pesquisa na coleção de jornais do suplemento *SeuBairro* acaba mostrando o contrário.

Uma das características da cidade foi anotada, quase 70 anos depois de Marcondes Machado, por um italiano que na primeira vez que veio para São Paulo; do aeroporto foi parar na Rua Frei Caneca.

“A primeira coisa eu comprei – e que ainda conservo – foi o mapa da cidade. Mas em vez de me ajudar esse mapa teve inicialmente o poder de contribuir ainda mais para a minha confusão: nunca eu teria imaginado que São Paulo pudesse ser tão enorme e ao mesmo tempo tão *viscosa* (grifo do autor). Todo mapa caracteriza ‘sua’ metrópole; mas esta era uma megalópole tão grande que sobrepunha e misturava estilos e pontos de referência diversos, de uma maneira para mim paroxística; portanto, a única

¹⁶ Bananére, Juó, *La Divina Incrensa*. São Paulo, Folco Masucci Editor, 1966, p. 24

coisa que um ‘estrangeiro’ como eu, com um conhecimento escassíssimo de português, podia fazer (além da imobilização), era perder-se na cidade”. (2004, p.14)

Essa experiência vivida por Massimo Canevacci, docente do Centro de Antropologia Cultural, na Faculdade de Sociologia da Universidade “La Sapienza”, de Roma pode servir de exemplo para o que foi para a equipe de jovens repórteres do *SeuBairro* se embrenhar na selva urbana de São Paulo. Pelo menos, o idioma esses jornalistas dominavam, o que os ajudou na mobilidade e encontrar focos de interesse que acabaram revelados nas páginas semanais de cada suplemento.

Um outro fator em jogo era a maneira pela qual *SeuBairro* deveria atuar de forma jornalística para cobrir as diversas regiões da cidade. Sabia-se de antemão o que não deveria ocorrer – a superposição com o noticiário da editoria de Cidades – por isso, pairou uma certa insegurança entre os editores do suplemento antes do primeiro fechamento. Diferentemente de Canevacci, que iniciou sua descoberta da cidade depois de se perder voluntariamente como parte desse processo, a equipe de repórteres foi encontrar, justamente, nos moradores da cidade os pontos de referência.

Sensível, Canevacci reuniu suas experiências paulistanas e concluiu que há uma polifonia na cidade de São Paulo. “A cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam”, define. *SeuBairro* foi ouvir as vozes dos moradores da cidade, que em alguma esfera, formam um coro monumental.

A audição do coro dos moradores, reunidos em comunidades ou mesmo isolados em suas identidades traça um perfil humano da cidade – para

explicar a afirmação mencionada no parágrafo de abertura – mas, revela um outro aspecto, narrado por um, também, estrangeiro.

“Durante séculos [São Paulo], não passava de uma cidadezinha interiorana com poucas dezenas de milhares de habitantes, ponto de partida de bandeiras e ligada ao seu porto, Santos, por um caminho de mulas íngreme e difícil. Formava triângulo cuja hipotenusa ligava os mosteiros de São Francisco e São Bento, e cuja ponta apontava a Sé, como que para traduzir a contenda dos universais medievais em geografia. Depois da primeira, e mais ainda depois da segunda guerra, iniciou-se enorme aglomeração de imigrantes externos e internos que desprezavam o triângulo e enchiam vales e leitos de correntes de uma maneira que torna pálido o respectivo termo romano ‘plebe’ para denominá-la. (1998, pp. 94 e 95).

O autor, Vilém Flusser, faz esse relato, ao qual inclui outras observações, para indicar um olhar que vai denotar a origem do que ele considera a alienação dos moradores da cidade. E, completa: “Mas, o paulistano não tem apoio, nem sequer um rio, é estranho na cidade que estranha, não consegue formar elos humanos com vizinhos e coisas e, para enxergar um pouco, não ficaria muito surpreso ao constatar de manhã que a cidade desapareceu na noite precedente.”

Nesse cenário de antecipação catastrófica o suplemento passou a circular e, o que se pode perceber no recorte reunido no capítulo 3, Gente da Cidade, é que é possível retardar o holocausto urbano, chamando para o diálogo midiático os moradores da cidade.

Foi o que ocorreu. A idéia de “hard news” se restringia ao jornal-mãe. E, acabou por se transformar num desafio jornalístico dar forma a um

suplemento de bairros, preferencialmente, com notícias “frias”. No processo de elaboração dessa dissertação de mestrado pude refletir sobre essa questão e o que anotei é o fato de as “hard news” terem uma vida curta, aliás coerente com o processo industrial das modernas empresas jornalísticas. Mas, o que foi publicado nos suplementos do *SeuBairro*, mesmo com uma re-leitura uma década depois, manteve um caráter de atualidade, uma vez que, em inúmeros casos, se trata de apresentação de moradores que, eventualmente, freqüentariam as páginas de jornal, em casos de catástrofes. Mesmo assim, não seriam apresentados aos leitores como o foram nas reportagens dos suplementos.

E, para que esse trabalho fosse possível, a idéia que orientava a equipe era a de tentar encontrar exemplos que humanizassem a cidade, não na forma de heróis, mas de sobreviventes.

Recolho de Cremilda Medina um aspecto que oferece sentido: “Se há uma prática constante é justamente a de colher, no dia-a-dia dos protagonistas anônimos, a afirmação das marcas humanas no caos da História” (2003, p. 60). Medina estava debruçada em discorrer sobre os processos de um diálogo social para o qual se dedicava na academia.

No *SeuBairro*, a dinâmica não permitia uma reflexão sistemática sobre o trabalho. Mas, estava claro que o que a equipe do suplemento fazia era diferente do que todo o resto do jornal estava fazendo, na forma e no conteúdo. Na função de editor-assistente, textos que me chegavam às mãos não respondiam imediatamente às clássicas questões formais propostas para a técnica de redação de notícias.

Os famosos 5Ws, fórmula imortalizada pelo escritor Rudyard Kipling, no livro *Just so Stories* (1917), se tornaram regra jornalística para responder as indagações de quem, quando, onde, por que e o quê. Nelson Traquina, em *Teorias do Jornalismo* (2005, p. 59) escreveu:

“As notícias tornaram-se crescentemente estandardizadas ao tomarem a forma do que chamados hoje “pirâmide invertida”, enfatizando o parágrafo de abertura, lead”.

As respostas deveriam constar do lead apareceriam ao longo do texto, mas sem a necessidade de um rigor impositivo.

Pensando no leitor que não teve aulas de jornalismo e para quem os fatos se sucediam numa seqüência lógica de tempo, uma maneira de atraí-lo para as páginas do suplemento era, justamente, fazer algo diferente do que o jornal-mãe fazia. Dessa maneira uma das formas da linguagem do suplemento era não parecer tão mediada e trazer para o leitor a informação com um estilo que se foi definindo com a prática, mas mais próximo desse leitor do que do fechador. E, dessa maneira, se trabalhava: ao arrepio das teorias.

Do tempo de estágio no Curso Estadão, os repórteres da equipe do *SeuBairro* trouxeram a lição de contar histórias. E, no papel do narrador comentado por Walter Benjamin (1996, pp. 197 e 198), as notícias eram escritas e publicadas. Até como forma de, remotamente, promover um intercâmbio de experiências como sugere Benjamin, entre o leitor e a história trazida pelo personagem que o repórter encontrou, e publicada no suplemento.

Benjamin observa em seu comentário que “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo para que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”.

Benjamin é bastante crítico:

“Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que se valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo do que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis (...) (p. 198)”

Dessa maneira, o que se produzia nas páginas do suplemento era – invocando, novamente Cremilda Medina – uma tentativa de uma relação de afeto social. Mas, enquanto ela se refere a uma pedagogia de afetos, as páginas do suplemento tentavam propor uma relação mediada de afeto.

Mesclando essas idéias, trago a formulação dos conceitos de mídia apresentados pelo professor José Eugenio Oliveira Menezes (2007, p. 35). Referindo-se à Teoria dos Media, de Harry Pross, Menezes fala em mídia primária, que caracteriza a comunicação oral e, em mídia secundária, na comunicação impressa. No caso do suplemento *SeuBairro*, a relação mediada de afeto se dava no nível de uma comunicação secundária, isto é, comunicação impressa.

A comunidade de leitores do suplemento recebia uma informação que destoava, por exemplo, dos aumentos nos índices da criminalidade ou das notícias sobre as carências da Segurança Pública, publicadas nas páginas das editorias locais da mídia impressa e não menos alardeadas nas mídias de áudio e audiovisuais. Não que esses fatos não ocorressem. Na prática, não seriam divulgados nas páginas do suplemento, uma vez que a preferência era da editoria de Cidades. Assim, ao invés de investigar números de levantamentos da criminalidade guardados em gabinetes, o repórter do *SeuBairro* ia para a rua. E acabava encontrando o que não era noticiado: a solidariedade entre as pessoas. Esta, um vínculo primário.

Além de uma galeria de personagens recheados de histórias vividas, recortados para essa dissertação, também foram relatados dezenas de exemplos de manifestações de solidariedade, isoladas e institucionalizadas. Da mesma maneira, foram relacionadas as manifestações das diversas vozes estrangeiras que acabaram se harmonizando com outros sotaques para caracterizar um coro paulistano.

O que para o pensador contemporâneo Zygmunt Baumann se parece líquido, no *SeuBairro* tomou uma forma humana. As narrativas se tornaram sólidas depois de impressas. *SeuBairro* “humanizou” o mapa.

| data | região | matéria | bairro | página | repórter |
|-------------|---------------|---|------------------------|-----------------|--------------------|
| 1994 | | | | | |
| 11/abr | Norte | Casa de pesca | Centro | Contracapa | |
| 13/abr | Sul | Uma favela no caminho da felicidade | Santo Amaro | Capa e centrais | Ricardo Bairos |
| 18/abr | Norte | Fotógrafo lambe-lambe | Centro | Contracapa | |
| 25/abr | Norte | Síndico Edifício Copan | Centro | Contracapa | |
| 2/mai | Norte | Os armênios paulistanos | | Capa e centrais | Fabiana Gitsio |
| 2/mai | Norte | Bom Retiro quer ser o bairro nº1 | Centro | 3 | Elenita Fogaça |
| 3/mai | Norte | Associação usa judô para tirar crianças da rua | | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 4/mai | Sul | Primeiro motorista de ônibus | Centro | Contracapa | Ricardo Bairos |
| 9/mai | Norte | As ruas que viram Senna brincar | Tremembé | Capa e centrais | Ricardo Bairos |
| 31/mai | Oeste | Berço do rock paulistano passou a tocar blues | Pompéia | Capa e centrais | Ricardo Bairos |
| 13/jun | Norte | As Senhoras de Santana | Santana | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 21/jul | Leste | Com o Brás no coração: visita do ministro Rubens Ricupero ao bairro de infância | Brás | Capa e centrais | Cláudio Augusto |
| 4/ago | Leste | Missa traz a palavra de Deus em japonês | centro | Contrapaca | Ester de Marco |
| 22/set | Leste | Restaurante no Bexiga é ponto de taxistas. | Centro | Contracapa | Ester de Marco |
| 26/set | Norte | Bairro corre atrás do trem da sua história | Jaçanã | Capa e centrais | Cláudio Augusto |
| 27/out | Leste | Histórias de uma rua de 45 quilômetros (Avenida Sapopemba) | | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 27/out | Leste | 'Agitador' lembra bons tempos no bairro | Tatuapé | 7 | Elenita Fogaça |
| 10/nov | Leste | Tetracampeões de peteca | | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 11/nov | Sul | Onde os bravos se encontram aos sábados | Cambuci | Capa e centrais | Ester de Marco |
| 14/nov | Norte | Menores saem das ruas e entram na arte | | Capa e centrais | Heloisa Bourroul |
| 17/NOV | Leste | Mister Mooca dá show de vida comunitária há 28 anos | Mooca | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 1995 | | | | | |
| 4/jan | Sul | Freira americana ampara favelado | Cidade Dutra | 3 | Alexandre Carvalho |
| 9/jan | Norte | Ilha de paz fica em praça entre flores e azeitonas | V. Guilherme | 3 | Marcelo Ventura |
| 11/jan | Sul | Rivelino, ex-jogador de futebol | Brooklin | Capa e centrais | Marcelo Ventura |
| 30/jan | Norte | Arquiteta luta para preservar bairro | Jaçanã | 3 | Verônica Dantas |
| 1/fev | Sul | Casa serve de lar para menores | | 4 | Frances Jones |
| 8/fev | Sul | Clínica trata de graça crianças com deficiências | | 4 e 5 | Íris de Oliveira |
| 16/fev | Leste | Johnny Alf, músico | Mooca | Capa e centrais | Cássio Ventura |
| 2/mar | Leste | Luizinho do cartório - memória | | 4 | Marcelo Ventura |
| 13/mar | Norte | Guarda de trânsito | Vila Nova Cachoeirinha | 4 | Frances Jones |
| 23/mar | Leste | Bombeiros mirins saem da rua para salvar vidas | Vila Prudente | Capa e centrais | Verônica Dantas |

| | | | | | |
|--------|-------|---|-------------------|-----------------|---------------------|
| 12/abr | Sul | Julio Guerra, artista plástico | Santo Amaro | Capa e centrais | Frances Jones |
| 12/abr | Sul | Jornaleiro-memória | Jd. Paulista | 5 | Marcus Lopes |
| 3/mai | Sul | Damas da assistência social no Centro Comunitário Castelinho | Americanópolis | | Elenita Fogaça |
| 4/mai | Leste | Russos mantêm ritos ortodoxos | Vila Alpina | Capa e centrais | Cássio Ventura |
| 10/mai | Sul | “Vida Ativa” valoriza os direitos dos idosos | Jardim Lídia | | Verônica Dantas |
| 11/mai | Leste | Tradições napolitanas se renovam em festa de rua | Brás | Capa e centrais | Fabiana Gitsio |
| 17/mai | Sul | Moradora muda rotina em favela | Morumbi | Capa e centrais | Fabiana Gitsio |
| 18/mai | Leste | Portugueses comemoram Dia de Nossa Senhora de Fátima, com músicas e dança | Canindé | Capa e centrais | Alexandre Carvalho |
| 22/mai | Norte | Madeirenses mantêm tradições em festas | Vila Amália | Capa e centrais | Frances Jones |
| 29/mai | Norte | Taxista poeta | Limão | 4 | Marcelo Ventura |
| 8/jun | Leste | Obra tira menor da rua e põe na vida profissional | Itaquera | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 8/jun | Leste | Engraxate poeta | Centro | contracapa | Verônica Dantas |
| 9/jun | Sul | A alegre presença linabesa | | capa e centrais | Marcelo Ventura |
| 13/jun | Oeste | Hortelão da metrópole cultiva couve gigante | Lapa | 3 | Verônica Dantas |
| 22/jun | Leste | Portugueses comemoram 75 anos do clube da comunidade | Canindé | Capa e centrais | Cássio Ventura |
| 26/jun | Norte | Etnias animam comércio | Bom Retiro | Capa e centrais | Fabiana Gitsio |
| 29/jun | Leste | Trabalho e fé marcam a Puglia paulistana | Brás | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 13/jul | Leste | Lituanos dão toque diferente ao bairro | Vila Zelina | Capa e centrais | Cássio Ventura |
| 17/jul | Norte | Uma Rosa perfuma a vida de 65 crianças | Alto do Mandaqui | Capa e centrais | Fabiana Gitsio |
| 26/jul | Sul | Fazendeiro urbano | Santo Amaro | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 1/ago | Oeste | O dia-a-dia e a história de “Idichenópolis” | Indianópolis | Capa e centrais | |
| 7/ago | Norte | Apoio de empresa rende crianças supercampeãs | | Capa e centrais | Alceu Luís Castilho |
| 7/ago | Norte | Em bar de palmeirense, fogazza é campeã | Bela Vista | contracapa | Alceu Luís Castilho |
| 17/ago | Leste | Demônios da Garoa visitam bairro onde nasceram | Mooca | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 28/ago | Norte | Dom Bosco joga em todas no campo do auxílio social | Bom Retiro | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 7/set | Leste | Museu do Bexiga serve massa e alimenta projeto | Bela Vista | contracapa | Alceu Luís Castilho |
| 8/set | Sul | Shabat une prazer e tradição n’A Hebráica | Jardim Paulistano | Capa e centrais | Fabiana Gitsio |
| 14/set | Leste | Festa de San Gennaro anima bairro | Mooca | Capa e centrais | Marcelo Ventura |
| 10/out | Oeste | Orlando Villas-Boas, sertanista | Lapa | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 18/out | Sul | Entidade usa sonho e determinação em meio à criminalidade | Capão Redondo | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 26/out | Leste | Comunidade promove festa do pêssego e marca presença no bairro | Itaquera | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 3/nov | Sul | Zé do Caixão, cineasta | Ipiranga | Capa e centrais | Alceu Luís Castilho |

| | | | | | |
|-------------|-------|---|------------------------------|-----------------|---------------------|
| 9/nov | Leste | Associação dá lar e família a crianças de rua | Parque Paulistano | Capa e centrais | Rosângela Rezende |
| 13/dez | Sul | Instituição atua para que Natal dure o ano todo | | Capa e centrais | Verônica Dantas |
| 25/dez | Norte | Crianças vibram no Natal de solidariedade | Casa Verde e Bairro do Limão | Capa e centrais | Alceu Luís Castilho |
| 1996 | | | | | |
| 1/jan | Norte | Ajuda a criança é meta de centro espírita | Casa Verde | 4 | Fabiana Gitsio |
| 5/jan | Sul | Jornaleiro-memória | Jd. Paulistano | 3 | Marcus Lopes |
| 11/jan | Leste | Palecete em ruínas mexe com a Paulista | Jd. Paulista | contracapa | Alceu Luís Castilho |
| 18/jan | Leste | Casa alimenta e dá orientação para andarilhos | Vila Prudente | 4 | Tarcísio Alves |
| 25/jan | Leste | Bairro é história de bola e samba na rua | Vila Esperança | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 1/fev | Leste | Contrastes passam pela janela do trem da linha variante | | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 2/fev | Sul | Morador ilustre não pensa em sair do bairro (Marcos Caruso, ator e autor) | Itaim-Bibi | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 7/fev | Sul | Jovens trocam drogas por arte e amizade | Cidade Dutra | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 8/fev | Leste | Brás vive na memória de velho anarquista | Brás | 3 | Francisco Brandão |
| 12/fev | Norte | Famílias tiram sustento de horta em área na Marginal. | Ponte Aricanduva | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 13/fev | Oeste | Casa dos Buarque de Holanda faz história | Pacaembu | Capa e centrais | Frances Jones |
| 13/fev | Oeste | Borracheira - personagem | Lapa | 5 | Guilherme Scarance |
| 19/fev | Norte | Personagens da Praça da Sé (vendedores e pregadores) | Centro | contracapa | Alceu Luis Castilho |
| 23/fev | Sul | Instituição ajuda a preservar tradições do povo hebraico | Paraíso | 5 | Demétrio Rosa |
| 28/fev | Sul | Personagens da Praça da Sé (falsa freira, migrante, filho de camelô) | Centro | contracapa | Alceu Luis Castilho |
| 6/mar | Sul | Personagem morador | Campo Belo | 3 | Tarcísio Alves |
| 7/mar | Leste | Vicentina dá carinho de avó para meninos de rua | Tatuapé | Capa e centrais | Alceu Luís Castilho |
| 8/mar | Sul | Exército azul e branco move a AACD | Ibirapuera | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 8/mar | Sul | Campanha dá "mesada" a artista com HIV | | contracapa | Frances Jones |
| 15/mar | Sul | Pizzaria guarda parte da história de São Paulo | Vila Mariana | 4 | Marcus Lopes |
| 22/mar | Sul | Missa dos Josés | Jardim Europa | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 29/mar | Sul | Escola-casa treina, alimenta, educa e forma atletas de alto nível no judô e atletismo | Ibirapuera | 3 | Francisco Brandão |
| 24/abr | Sul | Escolinhas de futebol lançam semente da bola na região (com vagas para crianças carentes) | | Capa e centrais | Rosangela Rezende |
| 8/mai | Sul | Arrelia, palhaço | Morumbi | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 9/mai | Leste | Vicentina, moradora solidária (repercussão) | Tatuapé | 6 | Alceu Luís Castilho |
| 10/mai | Sul | Fã leva ao pé da letra admiração por artista | Centro | contracapa | Tarcísio Alves |

| | | | | | |
|-------------|--------------|--|------------------|-----------------|---------------------|
| 13/mai | Norte | Visita de Audrá Junior ao local onde dirigiu a Companhia Cinematográfica Maristela | Jaçanã | 6 | Demétrio Rosa |
| 14/mai | Oeste | Instituto C&A dá exemplo de assistência social | | Capa e centrais | Cristina Masuda |
| 14/mai | Oeste | Armarinho fecha as portas e deixa saudades | Bela Vista | contracapa | Rosângela Rezende |
| 28/mai | Oeste | Estação faz de deficiente, profissional | Lapa | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 31/mai | Sul | Gestante carente tem auxílio na região | Vila Clementino | 4 | Elenita Fogaça |
| 20/jun | Leste | Tintureiro andarilho entrega em domicílio | Vila Ré | 3 | Verônica Dantas |
| 9/jul | Oeste | Imigrantes japoneses praticam gatebol na região | Alto da Lapa | Capa e centrais | Cristina Masuda |
| 10/jul | Sul | Ilha de Bororé usa ecologia e cultura para melhorar região | Represa Billings | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 16/jul | Oeste | Cine mambembe exhibe curtas premiados | | Capa e centrais | Cristina Masuda |
| 23/jul | Oeste | Aldemir Martins, artista plástico | Sumarezinho | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 29/jul | Norte | Budistas veneram antepassados no bairro | Freguesia do Ó | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 30/ago | Sul | Casa serve comida com sabores dos Balcãs | Vila Mariana | 3 | Demétrio Rosa |
| 25/set | Sul | Instituto Hans Staden divulga cultura alemã | Santo Amaro | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 25/set | Sul | Casa do Zezinho prepara menor para a vida | | 3 | Guilherme Scarance |
| 15/out | Oeste | Associações agem contra abusos do zoneamento (Alto da Lapa, Higienópolis e Pacaembu) | | Capa e centrais | Cláudia Bredariolli |
| 17/out | Leste | Entidade dá lições comunitárias há 56 anos | Vila Prudente | Capa e centrais | Rosângela Rezende |
| 29/out | G.S.P. Oeste | Projeto melhora a vida de crianças de duas favelas | Granja Viana | Capa e centrais | Regina Galvão |
| 6/nov | Sul | Colônia mantém lembranças da imigração alemã | Parelheiros | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 11/nov | Norte | Fãs querem divulgar Praça Orlando Silva | | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 25/nov | Norte | Sérgio Reis, cantor | Santana | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 28/nov | Leste | Penha-Lapa cruza o cotidiano da cidade | | Capa e centrais | Alberto Santiago |
| 1997 | | | | | |
| 1/jan | Sul | Morador orienta comunidade com arte e dedicação | Capão Redondo | 4 | Tarcísio Alves |
| 7/jan | Oeste | Cemitério da Consolação tem 'fã' dedicado | Consolação | Capa e centrais | Roldão Arruda |
| 14/jan | Oeste | Clube mantém cultura nipônica no Jardim Ipê | Jardim Ipê | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 15/jan | Sul | Grupo do Morumbi toca sons da esperança | Morumbi | Capa e centrais | Ariett Gouveia |
| 15/jan | Sul | Menor carente passa férias com atividades de esporte, lazer e cultura | Campo Limpo | 3 | Guilherme Scarance |
| 23/jan | Leste | Associação Okinawa dá lições de cultura japonesa | Vila Carrão | Capa e centrais | Demétrio Rosa |
| 29/jan | Sul | Clube alemão atrai sócios de paletó e gravata. | | Capa e centrais | Demétrio Rosa |

| | | | | | |
|--------|--------------------------|--|-------------------|-----------------|--------------------|
| 14/fev | Sul | Libaneses ajudam nova pátria há um século | Planalto Paulista | Capa e centrais | Anderson Couto |
| 19/fev | Sul | Escola alemã abre portas para brasileiros (Colégio Visconde de Porto Seguro) | Morumbi | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 19/fev | Sul | Movimento pede respeito à legislação urbana | Campo Belo | 4 | Alberto Santiago |
| 20/fev | Leste | Colônia japonesa ajuda deficientes desde 1958 | Itaquera | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 26/fev | Sul | Sesc recicla lixo para preservar meio ambiente | Interlagos | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 3/mar | Norte | Entidade une gerações em busca de uma vida melhor | Lauzane Paulista | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 5/mar | Sul | Vozes da colônia alemã ecoam no Campo Belo (Sociedade Filarmônica Lyra) | Campo Belo | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 13/mar | | No Instituto Educacional Ateniense interessado imerge na cultura grega. | Pari | Capa e centrais | Anderson Couto |
| 14/mar | Sul | Latas de cerveja dão título do 'Guinness' a colecionador da região | Campo Belo | 3 | Anderson Couto |
| 20/mar | Leste | Goleiros campeões trocam bola pelos carros (Gilmar dos Santos e Venerando) | | Capa e centrais | Francisco Brandão |
| 27/mar | Leste | Fanático por filmes guarda relíquias na Vila Carrão | Vila Carrão | 3 | Tarcísio Alves |
| 31/mar | Norte | Renato Teixeira 'toca' a vida na Cantareira | Cantareira | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 8/abr | Sudeste (1ª edição) | | | | |
| 8/abr | Oeste | Grupo de Mães da Sé tem base na Vila Mirante | Vila Mirante | 5 | Juliana Junqueira |
| 9/abr | Centro/Oeste (1ª edição) | | | | |
| 10/abr | Leste | Museu do Bexiga sobrevive com nhoque dominical | Bela Vista | contracapa | Alberto Santiago |
| 11/abr | Jardins (1ª edição) | | | | |
| 14/abr | G.S.P. Oeste (1ª edição) | Osasco brilha na tela da vida de pintor primitivista (Waldomiro de Deus, pintor) | Osasco | Capa e centrais | Adriana Cotias |
| 14/abr | Norte | Grupo exerce cidadania em praça da região | Carandiru | Capa e centrais | Ariett Gouveia |
| 16/abr | Sul | Parente de cangaceiro reconta fim de Lampião | | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 16/abr | Sul | Clube reúne colônia austríaca na região (Associação Austro-Brasileira) | Campo Belo | Capa e centrais | Leandro Modé |
| 22/abr | Oeste | Jovens aprendem a reciclar papel e a vida | | Capa e centrais | Ariett Gouveia |
| 23/abr | Sul | Fé leva 10 mil por semana à Vila Mascote (missas do padre Marcelo) | Vila Mascote | Capa e centrais | Adriana Cotias |
| 24/abr | Leste | Sanfonas dão o tom em loja da região | Centro | contracapa | Juliana Junqueira |
| 25/abr | Jardins | Instituições sintonizam | | Capa e centrais | Daniela Nakayama |

| | | | | | |
|-------------|--------------|--|-----------------------|-----------------|--------------------|
| | | jovem com o mundo | | | |
| 1/mai | G.S.P.-Oeste | Festa de Santa Cruz resgata tradição e fé | Carapicuíba | contracapa | Adriana Cotias |
| 5/mai | Norte | Dupla do Tremembé traz Minas na viola (Pena Branca e Xavantinho) | Tremembé | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 12/mai | Norte | Time joga todo dia com sonho de vencer na vida | Freguesia do Ó | Capa e centrais | Renato Taba |
| 15/mai | G.S.P.-Oeste | Garçom personifica a arte de servir | Aldeia de Carapicuíba | contracapa | Guilherme Scarance |
| 19/mai | Norte | Pagodeiros saem da prisão em busca do sucesso | Carandiru | Capa e centrais | Demétrio Rosa |
| 20/mai | Sudeste | Ianelli rende-se à tranqüilidade do Paraíso (Arcângelo Inanelli, pintor) | Paraíso | Capa e centrais | Andréa Portella |
| 22/mai | Leste | Em Artur Alvim, goleador Dodô joga em casa | Artur Alvim | Capa e centrais | Cíntia Araiium |
| 27/mai | Sudeste | Círculo põe “patrulheiros” no mercado de trabalho | Ipiranga | Capa e centrais | Andréa Portella |
| 2/jun | Norte | Museu do Jaçanã: governo doa terreno e é anunciado início de obras. | Jaçanã | 5 | Ariett Gouveia |
| 10/jun | Sudeste | Meninas aprendem futebol em escola na Aclimação | Aclimação | Capa e centrais | Anderson Couto |
| 16/jun | Norte | Obra em praça divide bairro | Jaçanã | 5 | Flávia Martinelli |
| 17/jun | Oeste | Casa de Cultura vira prioridade | Pirituba | Capa e centrais | |
| 2/jul | Sul | Entidade investe na educação de carentes | Jardim Catanduva | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 7/jul | Norte | Solidariedade marca há 56 anos cotidiano do bairro | Vila Maria | Capa e centrais | Ariett Gouveia |
| 14/jul | Norte | Bairro “esconde” perseguidos políticos | Jardim Teresa | Capa e centrais | Anderson Couto |
| 30/jul | Sul | União de povos marca história de Parelheiros | Parelheiros | Capa e centrais | Leandro Modé |
| 6/ago | Sul | Comunidade guarda capítulos da história de Socorro | Socorro | Capa e centrais | Leandro Modé |
| 12/set | Jardins | Entidade defende direitos do cidadão | | Capa e centrais | Marcus Lopes |
| 27/ago | Sul | Favela Monte Azul forma cidadão dançante (projeto do coreógrafo Ivaldo Bertazzo) | Santo Amaro | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 2/out | Leste | Jovens encontram proteção na Mooca | Mooca | Capa e centrais | Anderson Couto |
| 10/out | Jardins | Temperos do Oriente Médio invadem a região | | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 11/nov | Oeste | Ex-cangaceira do bando de Lampião vive saga na região (Sila lança livro de lembranças) | Butantã | Capa e centrais | Juliana Junqueira |
| 28/nov | Jardins | Mães investem no futuro banco de leite | Morumbi | Capa e centrais | Daniela Nakayama |
| 10dez | Oeste | Equipe cuida de detalhes em show do “rei” (produção de Roberto Carlos) | Lapa | Capa e centrais | Tarcísio Alves |
| 1998 | | | | | |
| 1/jan | Leste | COHAB revela artistas e expõe trabalhos no Centro | COHAB José Bonifácio | Capa e centrais | Ariett Gouveia |

| | | | | | |
|--------|--------------|---|------------------------|-----------------|--------------------|
| 5/jan | Norte | Corrida dos “coroas” pára o bairro | Lauzane Paulista | Capa e centrais | Leandro Modé |
| 12/jan | Norte | Apiário oferece sabor do campo | Tremmbé | 6 | Daniela Nakayama |
| 13/jan | Sudeste | Clube Ypiranga equilibra clima familiar e lazer | Ipiranga | Capa e centrais | Anderson Couto |
| 15/jan | Leste | Fãs da bocha dão toque de nostalgia ao bairro, lembrando imigrantes italianos | Mooca | Capa e centrais | Cláudio Barreto |
| 15/jan | G.S.P.-Oeste | Granja Viana acolhe ídolos do iê-iê-iê | Granja Viana | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 22/jan | Leste | Engraxate dá brilho à imaginação na Luz (Engraxate inventor) | Luz | contracapa | Tarcisio Alves |
| 9/fev | Norte | Xaxá, fotógrafo das Arcadas | Centro | contracapa | Marcus Lopes |
| 12/fev | G.S.P.-Oeste | Klink zarpa de Itapevi para o mundo | Itapevi | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 13/fev | Leste | Colônia festeja independência da Lituânia com missa | Vila Zelina | 3 | Luciana Garbin |
| 24/fev | Sudeste | Associação síria celebra 80 anos (mantenedora do Hospital do Coração, no Paraíso) | | 5 | |
| 26/fev | G.S.P.-Oeste | Lar acolhe meninos de rua | Osasco | 5 | Adriana Cotias |
| 5/mar | Leste | Tatuapé tira 85 anos de história do forno (Padaria guarda capítulos do cotidiano, desde 1913) | Tatuapé | Capa e centrais | Cíntia Araiium |
| 5/mar | G.S.P.-Oeste | Bairro do Carmo vive em clima de solidariedade | Vargem Grande Paulista | Capa e centrais | Adriana Cotias |
| 12/mar | Leste | Mooca revê história pela fachada de antigas casas (Livro de fotos de Pedro Martinelli) | Mooca | Capa e centrais | |
| 12/mar | G.S.P.-Oeste | Projeto quer fraquear ajuda social no amparo de menores | Cotia | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 2/abr | Leste | Museu do Bexiga faz 18 anos com festa, exposição, teatro e eventos | Bela Vista | contracapa | Cláudio Barreto |
| 6/abr | Norte | Jaçanã reúne heróis das telas (Capitão 7 e Vigilante Rodoviário se encontram na entrega do acervo da Companhia Cinematográfica Maristela à Associação Museu Memória do Jaçanã.) | Jaçanã | Capa e centrais | Adriana Cotias |
| 8/abr | Sul | Raul Cortez revela raiz santo-amarense | Santo Amaro | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 13/abr | Norte | Campeão olímpico mantém pé na região (Ademar Ferreira da Silva, atleta) | Peruche | Capa e centrais | René Pereira |
| 14/abr | Sudeste | Cineasta guarda memória da sétima arte | Cambuci | Capa e centrais | Guilherme Scarance |
| 23/abr | G.S.P.-Oeste | Pichadores transformam raiva em arte | Barueri | Capa e centrais | Luciana Garbin |
| 28/abr | Sudeste | Centro reúne espanhóis de várias origens (Sociedade Hispano-Brasileira) | Vila Monumento | Capa e centrais | Alberto Santiago |
| 12/mai | Sudeste | Associação preserva costumes calabreses (Circolo Sociale Calabrese di San Paolo) | Ipiranga | Capa e centrais | Cláudio Barreto |

| | | | | | |
|-------------|-------------------------|--|----------------------|-----------------|-------------------|
| 18/mai | Norte | Mulher segura volante de táxi com firmeza | Carandiru | 3 | Ariett Gouveia |
| 18/mai | Norte | Família celebra centenário no País | Lauzane Paulista | 9 | Cláudio Barreto |
| 21/mai | Leste | Mooca também tem um lado japonês | Mooca | Capa e centrais | Luciana Garbin |
| 28/mai | Leste | Anunciado fim das visitas aos bairros | | | |
| 6/JUN | Jardins-Sul (1ª edição) | | | | |
| 18/jun | Leste | Projeto oferece a jovens perspectiva social | Sapopemba | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 26/jun | Leste | Centro de Formação Profissional cria novas opções para jovens | Vila Formosa | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 30/jun | Leste | Biblioteca mantém viva memória do bairro; Núcleo Museológico guarda objetos e registros de famílias tradicionais | Mooca | Capa e centrais | Luciana Garbin |
| 6/jun | Leste | Festa japonesa colore Itaquera | Itaquera | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 20/jun | Leste | Núcleo dá lições de solidariedade | Belém | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 10/set | Leste | Mago das pick-ups vai agitar em Londres | Tatuapé | 3 | Elenita Fogaça |
| 17/set | Leste | Centro transforma vidas | São Mateus | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 21/set | Norte | Lojistas guardam história do bairro | Vila Santa Teresinha | Capa e centrais | Marcelo Ventura |
| 24/set | Leste | Grupo homenageia vila de Brunhosinho, em Portugal. | São Miguel Paulista | 4 | |
| 1/out | Leste | Franciscanas celebram 60 anos de presença na região | | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 29/out | | Casa Transitória ajuda famílias | Tatuapé | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 6/nov | Jardins/Sul | O charme e o glamour de Ana Frida (modista) | Vila Mariana | 3 | Luciana Garbin |
| 12/nov | Leste | Bandeira e hino são novos símbolos cívicos do bairro | Tatuapé | contracapa | Elenita Fogaça |
| 20/nov | Jardins/Sul | Colônia comemora aniversário do Líbano | Ibirapuera | Capa e centrais | Francisco Brandão |
| 28/nov | Leste | Núcleo espírita apóia famílias carentes com 500 voluntários | Tatuapé | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 3/dez | Leste | “Seu” Nenê exibe todo o samba que está nas veias da Vila Matilde | Vila Matilde | Capa e centrais | Elenita Fogaça |
| 14/dez | Norte | Fotógrafo faz das crianças personagens da sua vida (Seu João do carneirinho) | Jd. Maria Nazareth | Capa e centrais | Renée Pereira |
| 22/dez | Sudeste | Ex-roceiro rebate adversidades para vencer (Kaname Matsura se formou em Odontologia e jogou beisebol na seleção brasileira do Pan de 1951) | | contracapa | Maurício Moraes |
| 24/dez | Leste | Turma de ex-vizinhos renova amizade (amigas se reúnem há 40 anos) | Tatuapé | contracapa | Elenita Fogaça |
| 2000 | | | | | |
| 28/dez | G.S.P.-Oeste | O ‘Cinema Paradiso’ de Taboão da Serra | Taboão da Serra | Capa e centrais | Bárbara Sousa |

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)